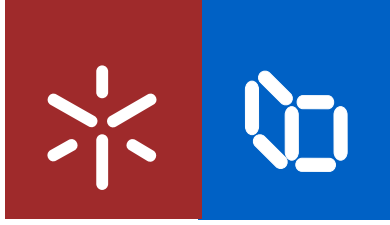


**Universidade do Minho**  
Instituto de Letras e Ciências Humanas

Sara Filipa Fonseca Alves

**As relações bilaterais entre Portugal e a  
China: Enquadramento histórico-económico  
e distância cultural**

outubro de 2015



**Universidade do Minho**

Instituto de Letras e Ciências Humanas

Sara Filipa Fonseca Alves

**As relações bilaterais entre Portugal e a  
China: Enquadramento histórico-económico  
e distância cultural**

Relatório de Estágio

Mestrado em Estudos Interculturais Português/Chinês:

Tradução, Formação e Comunicação Empresarial

Trabalho efetuado sob a orientação da

**Professora Doutora Sun Lam**

e do

**Professor Pedro A. Vieira**

## **Declaração**

Nome: Sara Filipa Fonseca Alves

N.º Mecanográfico: Pg24600

Curso: Mestrado Em Estudos Interculturais Português/Chinês: Formação, Tradução e Comunicação Empresarial

Ano Letivo: 2014/2015

### **Contactos**

Morada: Rua Camilo de Oliveira, nº25, 1º Esq. 4435-139 Rio-Tinto

N.º de Telemóvel: 911176561

Endereço de *email*: alves.sara@live.com.pt

Título do Relatório: As relações bilaterais entre Portugal e China: Enquadramento histórico-económico e distância cultural

Orientadores: Professora Doutora Sun Lam e Professor Pedro A. Vieira

É autorizada a reprodução integral deste relatório apenas para efeitos de Investigação, mediante declaração escrita do interessado, que a tal se compromete.

Universidade do Minho, / / ,

Assinatura:

## **Agradecimentos**

Com a finalização deste trabalho, chega o fim de uma das etapas mais importantes da minha vida. Estes agradecimentos não são de todo apenas devido à concretização deste trabalho, mas sim por todo o apoio ao longo destes anos.

Em primeiro lugar, quero agradecer aos meus pais por me deixarem percorrer o meu próprio caminho e por todo o esforço que fizeram para que eu sucedesse. Sem essa liberdade e confiança não chegaria a onde estou.

Às minhas irmãs, obrigada por todas as discussões e lidas da casa que fizeram por mim enquanto me dedicava ao trabalho.

Aos Professores Luís Cabral e Sun Lam, obrigada por todas as sugestões, comentários e críticas ao longo destes cinco anos de ensino. O mandarim não é fácil de se aprender, mas ambos conseguiram transmitir-me o gosto enorme que têm pela China, a sua cultura e língua.

Ao Professor Pedro A. Vieira e Dr. Andrea Portelinha, obrigada por todo o apoio, críticas e conversas que tivemos durante o meu estágio e durante o meu percurso académico.

Aos meus colegas de turma, um obrigada por todos os bons e maus momentos que passamos, pelas opiniões trocadas e zangas.

Por último, obrigado a todos aqueles que de um modo ou outro me influenciaram durante estes cinco anos universitários.

## Resumo

A expansão marítima realizada pelos países europeus no início do século XV veio revolucionar os meios de comunicação entre os diferentes povos. A chegada dos portugueses à China permitiu a aproximação e a compreensão de duas culturas distintas e a relação, criada e desenvolvida, entre ambos tem-se mostrado vantajosa para ambos os países. Com este trabalho pretende-se analisar a evolução das relações entre Portugal-China ao longo destes 500 anos, focando-se nas relações políticas e económicas, fazendo por isso, um enquadramento histórico das mesmas e um enquadramento da evolução económica chinesa. Para uma relação se tornar tão duradoura como esta, o diálogo é a chave para o sucesso. Veremos que a comunicação é orientada pela cultura e que esta desempenha um papel importante na aproximação e afastamento de países, e mais concretamente, empresas. Para além destas análises, focar-me-ei no meu estágio numa empresa de serviços relacionados com a China, e nas conclusões e desafios que senti durante o mesmo.

**Palavras-Chave:** Portugal, China, Macau, Comunicação Intercultural, Importações, Exportações, Investimento, Comunicação de Alto-Contexto, Sociolinguística, Distância Cultural, Mandarin (língua), Ensino

## Abstract

The maritime expansion accomplished by the European countries in the early 15th century reformed the means of communication between different people. The arrival of the Portuguese to China allowed two very distinct cultures to comprehend one another as well as come together and their relationship, formed and nurtured, has proved to have become advantageous for both countries. It is this paper's aim to analyze Portugal and China's relationship's this past 500 years by focusing on economic and political relations through its historical framework as well as China's economic evolution's. In order for a relationship to become as long lasting as this one, dialogue is the key to success. We will see that communication is driven by culture and that the later has a major role in countries' advances or distances, and specifically, between companies. Moreover, I will be focusing on my internship at a company that deals with matters concerning China and finally my conclusions and challenges felt during that time.

**Keywords:** Portugal, China, Macau, Intercultural Communication, Imports, Exports, Investment, High-Context Communication, Sociolinguistics, Cultural Distance, Mandarin (language), Education

## 摘要

早在十五世纪，由欧洲国家发起并完成的海上扩张引发了一场人与人之间交际方式的革命。葡萄牙人漂洋过海抵达中国这一历史性事件，使两个原本文化差异很大的民族，相互之间建立起了被日后证明是对双方互有助益的联系与纽带。本篇论文的目标，旨在使用重建历史事件、分析中国经济演进的方式，并聚焦于两国经济与政治方面的关系，来研究近 500 年中葡两国交流方式的变化。我认为，为了保持两国双边关系的持久与稳定，对话是最核心的一环。此外，我还会对自己在一家公司的实习情况进行阐述，这家公司的主营业务是对中国市场进行调研并提供相关的咨询、翻译与教育等服务。我的阐述中包括了实习期间遇到的各种困难和挑战，还有就此次实习的经历得出的最终结论与看法。

**关键词：**葡萄牙，中国，澳门，跨文化交际，进口，出口，投资，高语境交际，社会语言学，文化距离，普通话，教育

# ÍNDICE

<b>Agradecimentos.....</b>	<b>iii</b>
<b>Resumo.....</b>	<b>iv</b>
<b>Abstract.....</b>	<b>v</b>
<b>摘要.....</b>	<b>vi</b>
<b>Introdução.....</b>	<b>3</b>
<b>PARTE I</b>	
<b>Capítulo 1 – Enquadramento das relações Portugal-China.....</b>	<b>5</b>
1.1. Primeiros olhares e o surgimento de Macau.....	6
1.2. “Mandarins de Deus”.....	8
1.3. O ponto de viragem da China Imperial e o declínio de Macau.....	13
1.4. Da queda da China Imperial à proclamação da República Popular da China....	17
1.5. A República Popular da China e a Questão de Macau .....	20
1.6. Restabelecimento de relações diplomáticas: Portugal-China.....	22
<b>Capítulo 2 – Um diálogo económico e comercial.....</b>	<b>24</b>
2.1. Enquadramento do desenvolvimento económico da China.....	25
2.2. Investimento chinês em Portugal.....	32
2.3. Atenções viradas para Oriente.....	36
<b>PARTE II</b>	
<b>Capítulo 3 - ‘Distance still matters’ – Distância Cultural.....</b>	<b>43</b>
<b>PARTE III</b>	
<b>Capítulo 4 – Estágio.....</b>	<b>48</b>
4.1. Plano de Estágio.....	49
4.2. O Estágio.....	50
4.3. Considerações.....	55
<b>Conclusão.....</b>	<b>56</b>
<b>Fontes.....</b>	<b>58</b>



## Índice de Figuras

Figura 1 «Planta de Macau». In António Bocarro - Livro das plantas de todas as fortalezas, cidades e povoações do Estado da Índia Oriental [Manuscrito]. Goa, 1635 .....	6
Figura 2 Igreja Madre de Deus (actuais Ruínas de São Paulo), George Chinnery, s/data.....	11
Figura 3 Fumatório de Ópio, Fausto Sampaio, óleo sobre tela, 1937 .....	14
Figura 4 Caricatura da época retratando a China como um bolo a ser dividido pela Inglaterra, Alemanha, Rússia, França e Japão .....	16
Figura 5 Sun Yat-sen e Chiang Kai-shek, 1924.....	19
Figura 6 Macau, 1953 in National Geographic Portugal - Maio de 1953 .....	21
Figura 7 Crescimento do PIB chinês (amarelo) em comparação com o crescimento do PIB mundial (azul) Fonte:	
<a href="http://finance.sina.com.cn/worldmac/indicator_NY.GDP.MKTP.KD.ZG.shtml">http://finance.sina.com.cn/worldmac/indicator_NY.GDP.MKTP.KD.ZG.shtml</a> , consultado a 11 de Junho de 2015 .....	26
Figura 8 Exportações da China 1999-2013, Fonte: indexmundi, consultado a 12 de Agosto de 2015.....	27
Figura 9 Importações da China 1999-2013, Fonte: indexmundi, consultado a 12 de Agosto de 2015.....	27
Figura 10 Crescimento do PIB da China em 2007-2014 e Projeções até 2020; Fonte: IMF, World Economic Outlook, April 2015.....	28
Figura 11 Percentagem de produtos exportados pela China, Fonte: <a href="https://atlas.media.mit.edu/en/profile/country/chn/">https://atlas.media.mit.edu/en/profile/country/chn/</a> , consultado a 12 de Agosto de 2015 ...	29
Figura 12 Cronologia dos Principais Investimentos chineses em Portugal, Fonte: PÚBLICO/Portuguese Economy Probe .....	32
Figura 13 Mapa de investimentos da China no Mundo, Fonte: Heritage Foundation.....	33
Figura 14 Comércio Internacional de bens - Exportações; Nota: A dimensão dos globos representa o peso relativo de cada país no total das exportações de bens em 2014. Fonte: INE	36
Figura 15 Exportações de Portugal para a China em 2014; Fonte: INE.....	37
Figura 16 - página do site da marca de vinhos Aveleda, a marca oferece uma lista dos seus vinhos com sugestão de combinação de pratos chinês .....	38
Figura 17 - Exposição de vinhos .....	38
Figura 18 Principais fornecedores de azeite à China em 2014, Fonte: AICEP.....	39
Figura 19 Logótipo da marca de azeite portuguesa 'Gallo' .....	40

# INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo a análise das relações entre Portugal e a China ao longo destes 500 anos, focando-se nas relações políticas e económicas. O primeiro capítulo funciona como um enquadramento histórico dessas relações focando-se nos primeiros contactos estabelecidos em 1513, e nos sucessíveis acontecimentos gerados até 1999, com a transferência da administração de Macau para o Governo chinês.

Com o desenvolvimento da expansão portuguesa no Extremo Oriente, surge a criação de novos povoados e cidades-portos que servirão como pontos comerciais e meios para estabelecer relações políticas.

O caso de Macau é peculiar pois era um domínio português num território que definitivamente não o era. Tornou-se numa fusão entre dois mundos e ganhou identidade própria. Para os chineses, era quase como a mãe-pátria, para os portugueses, familiar, o que facilitou, em alguns aspetos, o diálogo.

Com a transferência da administração de Macau para o Governo chinês em 1999, Portugal deixa de ter um território na China, mas as relações de cariz político progridem.

O segundo capítulo focar-se-á na evolução das relações bilaterais de comércio entre Portugal e a China, destacando primeiramente um enquadramento do desenvolvimento económico da China e como esse desenvolvimento, assim como as relações políticas previamente estabelecidas com Portugal, permitiram o desenvolvimento das relações económicas entre ambos os países.

Após um enquadramento, analisarei os recentes investimentos chineses em Portugal, e como estes afetaram a economia portuguesa e as próprias empresas sem deixar de mencionar as áreas de maior investimento. Numa terceira parte do capítulo abordarei os auxílios do Governo Português para atrair investimento estrangeiro para o país através dos ‘Vistos Gold’ para além de mencionar os exemplos de sectores que começam a ganhar destaque na China, como o azeite e o vinho. Finalmente abordarei a questão do ensino do mandarim em Portugal e a sua evolução.

Na segunda parte deste relatório, num terceiro capítulo, abordarei questões que se prendem com a ‘distância’ entre os dois países, baseando-me no artigo ‘Distance still matters’ de Pankaj Ghemawat. Focar-me-ei principalmente na distância cultural entre Portugal-China, o que implica e como afeta as relações.

No quarto e último capítulo, descreverei o meu estágio numa empresa de serviços e a experiência na área de ensino que obtive num colégio particular, abordando casos práticos, observações e conclusões finais.

## **PARTE I**

### **CAPÍTULO 1 – Enquadramento das relações Portugal - China**

## 1.1. Primeiros olhares e o surgimento de Macau

O primeiro contacto dos portugueses com a China surgiu no século XVI com a chegada de Jorge Álvares à cidade de Guangzhou, em 1513. Por esta altura, Portugal dedicava-se às trocas comerciais no sul da China, tendo-se lentamente expandido a Macau, que até então era apenas uma aldeia portuária. O seu surgimento não tem data concreta, mas decorre de uma série de circunstâncias favoráveis de ambos os lados. Assim surge Macau e perdura, por responder aos anseios de portugueses e chineses em disporem de um entreposto estável de convergência de interesses maioritariamente comerciais. A disparidade cultural entre os dois mundos civilizacionais que ali se cruzavam era tal que

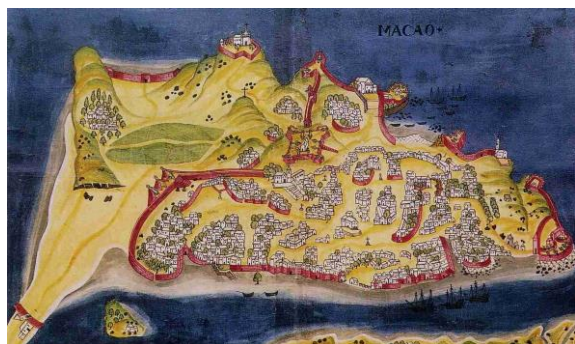


Figura 1 «Planta de Macau». In António Bocarro - Livro das plantas de todas as fortalezas, cidades e povoações do Estado da Índia Oriental [Manuscrito]. Goa, 1635

era quase certo que tais relações não perdurariam. No entanto, apesar das diferenças culturais e dos atritos políticos, as relações preservaram-se até aos nossos dias. Esta relação nem sempre foi amistosa, pelo contrário, um pouco turbulenta no início, em parte devido aos sucessivos ataques portugueses a portos chineses, no entanto, em 1557, os portugueses finalmente obtiveram autorização da corte Ming<sup>1</sup> (明, *Míng*) para se instalarem num novo porto comercial, Macau, pagando uma renda anual de 500 tael de prata<sup>2</sup>. A partir daí, desenvolveu-se um fluxo comercial por todo o Pacífico entre portugueses e os diferentes povos por aí espalhados. Estava iniciada a expansão portuguesa no Extremo Oriente.

Macau desabrochou sob o domínio português, apesar de ser visto como território chinês. Não obstante ser um porto comercial e da sua localização, os portugueses nunca conseguiram assegurar a segurança militar e política da cidade perante o Estado chinês; por sua vez os chineses nunca conseguiram dispensar a utilidade da presença portuguesa em termos comerciais e diplomáticos (Cabral, 1999, 276). A vida política de Macau era marcada por uma ambiguidade de poderes inter cruzados e as relações comerciais

<sup>1</sup> A dinastia Ming (明, *Míng*) governou a China durante mais de 200 anos, desde 1368 até 1644. Foi a última dinastia de etnia Han a reinar sendo sucedida pela dinastia manchú dos Qing. NdA

<sup>2</sup> Antiga moeda chinesa, 1 tael de prata era equivalente a cerca de 660.8 RMB (moeda atual chinesa) durante a dinastia Ming. <http://en.wikipedia.org/wiki/Tael> - página de wikipédia consultada a 17 de abril de 2015

dependiam tanto da boa vontade dos portugueses, que respeitavam as suas obrigações para com os magistrados locais, quanto da aceitação por parte dos magistrados chineses de correrem o risco de virem a ser censurados por Pequim (Cabral, 1991, 277). Pode-se afirmar que Macau foi um dos casos raros de sucesso de uma cidade que se desenvolveu sob uma soberania partilhada.

Sendo um ponto de passagem, era também um ponto de entrada e saída da China continental. O facto de não haver veículos oficiais de contacto diplomático entre China e Portugal tornava Macau num ponto perfeito para contrabando. Mas o comércio que os portugueses mantinham com os chineses ia muito além dos bens ilegais. Até então, o único percurso usado para comércio com o povo chinês era a Rota da Seda, uma rede de caminhos de transmissão cultural e comercial, usada por muitos povos ligando o Oriente ao Ocidente. Esta rota perdurou até ao declínio do reinado Mongol<sup>3</sup> e foi um dos fatores para a busca de um percurso marítimo direto até à China. A rota marítima da seda tornou-se numa grande via comercial internacional que contribuiu para a realização de intercâmbio e comércio direto entre a China e o Ocidente. Com a criação das rotas comerciais Macau-Goa-Lisboa, Macau-Nagasaki e Macau-Manila-México, Macau tornou-se um dos maiores, senão o maior, centro de comércio da Ásia. Os 60 anos que medeiam entre 1580 e 1640, veriam o auge destas trocas comerciais (Yang, 1992, 180). No centro deste monopólio estavam os portugueses.

“O comércio entre a Europa e o Japão era monopolizado pelo nosso país.” (Montalto de Jesus, C.A apud Yang em *A rota marítima da seda e o grande volume do comércio internacional de Macau, dos finais da dinastia Ming aos finais da dinastia Qing*, pg 182)<sup>4</sup>

Os produtos comercializados para a Europa eram sobretudo seda, almíscar, pérolas, objetos de marfim e madeira finamente trabalhados, objetos de laca, cerâmica e porcelana, assim como chá e ópio. As relações entre Portugal e China iam de vento em popa com o aumento das exportações e do comércio, mas o domínio português da rota marítima que ligava Macau à Europa era cobiçado por Inglaterra e outros países europeus. Por volta de 1640, os portugueses acabaram por perder o controlo sobre o mar do sul da Ásia. Esta

---

<sup>3</sup> Termo que denomina a etnia da dinastia Yuan (元, Yuán) que governou a China de 1271 até 1368, precedendo a dinastia Ming. NdA

<sup>4</sup> Consultado em [www.safp.gov.mo/safppt/download/WCM\\_003889](http://www.safp.gov.mo/safppt/download/WCM_003889) NdA

perda de controlo foi lenta e por razões políticas exteriores a Portugal. Com a política de isolamento do Japão, a rota sino-japonesa que ligava Macau à China foi cortada, assim como tantas outras rotas que ligavam a cidade a vários outros países, de modo que as condições exteriores que possibilitaram a existência do porto franco de Macau começaram a deteriorar-se, perdendo as suas vantagens. Além do mais, em 1757, a dinastia Qing<sup>5</sup> (清, *Qīng*) permitiu que outros países estrangeiros fizessem trocas comerciais com a China, mas definiu que só o porto de Cantão podia destinar-se ao comércio externo, passando Macau a ser o lugar de permanência dos estrangeiros e o porto exterior a Cantão.

Deste modo, o centro do comércio entre a China e o estrangeiro transferiu-se de Macau para Cantão, pondo um ponto final à mais brilhante época histórica comercial de Macau (Yang, 1992, 192). No entanto, a presença portuguesa em terras chinesas perdurou durante mais de quatrocentos anos.

Apesar da forte componente comercial dos descobrimentos portugueses, não nos podemos esquecer da componente evangelista e da importância dos missionários jesuítas nas relações com a China.

## **1.2. “Mandarins de Deus”**

Desde os primeiros anos da presença portuguesa no Oriente, tanto a coroa lusitana como o corpo eclesiástico mostraram uma preocupação especial pela recolha de informações de todo o género. Desde questões de cariz comercial, produtos disponíveis, mercados mais importantes, ancoradouros mais apropriados, as épocas de viagens mais favoráveis, preços praticados, pesos e moedas utilizados, direitos alfandegários em vigor; até às questões políticas e religiosas da Ásia, de modo a estabelecer relações privilegiadas com áreas não controladas por poderes islâmicos.

Com o florescimento de Macau, a cidade-portuária começa a atrair a atenção, não só de comerciantes em busca de novos mercados, mas também de intelectuais e religiosos,

---

<sup>5</sup> A última dinastia de imperadores a governar a China Imperial. O reinado da dinastia Qing (清, *Qīng*) durou mais de 200 anos, desde 1644 até 1911, quase tanto como a dinastia Ming. NdA

sendo neste caso a Companhia de Jesus a instituição cuja atividade é mais notável e reconhecível (Marques, 2015, 43).

Com a chegada dos primeiros missionários jesuítas a Goa, que irão demonstrar um crescente interesse cultural pelas coisas asiáticas, inicia-se uma nova fase na acumulação de notícias sobre a China.

A Ásia, com as suas civilizações densas e evoluídas, constituía um campo missionário de primeira grandeza. Além disso, graças ao monopólio da rota do Cabo, apenas a navegação lusitana tinha acesso a esse vasto e desconhecido mundo (Cf. Loureiro, 2000). Os padres transportados a bordo das naus davam apoio espiritual às comunidades portuguesas que se foram estabelecendo nos portos do litoral asiático, mas a atividade missionária propriamente dita terá sido um pouco descurada no início. Contudo, com a chegada do Pe. Francisco Xavier a Goa, em 1542, a divulgação da fé cristã iria ganhar grande destaque, assim como o papel dos missionários nas relações com a China e na troca de informações.

Mestre Francisco parece ter sido um dos primeiros europeus a procurar obter um novo tipo de informações sobre a China, pois até então os portugueses interessavam-se sobretudo por questões mercantis. Isto veio despertá-los para a importância do conhecimento mais aprofundado dos povos asiáticos, desencadeando o aparecimento de um interesse cultural pela China. Após a chegada dos jesuítas ao Oriente, começam então a surgir novas informações sobre a realidade chinesa. Os padres e irmãos da Companhia de Jesus vão desempenhar um papel de catalisadores no processo de acumulação de notícias de carácter geográfico e etnográfico. Um dos grandes objetivos era a determinação do estatuto religioso de todos os povos asiáticos, levando a cabo um levantamento da geografia religiosa do mundo oriental, orientados por dois fios condutores: descobrir eventuais comunidades cristãs, pois o diálogo evangélico seria mais frutuoso, e demarcar de uma forma rigorosa a extensão do islamismo em terras asiáticas.

Especificamente relacionado com a China, o Pe Francisco inquiriu sobre a eventual existência de cristãos que utilizem cruzeiros e se sirvam de igrejas, possibilidades de divulgar o cristianismo, estatuto e funções dos letrados, entre outros. O informador do Padre, um colaborador chinês, afirmou que não existiam cristãos na China e que em



relação à livre circulação de estrangeiros no Império do Meio, e sobretudo de religiosos que pretendessem ali desenvolver trabalho evangelizador refere que “quem dominar com fluência a língua chinesa, poderá ir muito seguro por toda a terra sem temer nada” (Cf. Loureiro, 2000). Estas informações referiam o quão difusa estava a escrita sínica pelo Extremo Oriente. Com efeito, a língua chinesa escrita era usada desde a Cochinchina<sup>6</sup> até ao arquipélago do Japão, com quem os portugueses também mantinham relações mercantis. Por outro lado, a informação que o Pe. Francisco possuía chamava a atenção para a importância da classe de letrados na sociedade chinesa, pois esta formava a base de recrutamento de todo o funcionalismo público chinês.

Até então, apenas Macau e Cantão estavam abertos aos estrangeiros e apenas os embaixadores tinham permissão para entrar e sair do território. O objetivo do Padre era mesmo a conquista espiritual da China, e para isso o trabalho de missão deveria alastrar-se pelo restante território chinês, mas sem autorização da corte esse mesmo trabalho era impossível. Francisco Xavier viria mesmo a morrer na ilha de Sanchoão, tentando obter acesso ao Império do Meio, acesso esse concedido depois da sua morte. No entanto, é Alessandro Vallignano<sup>7</sup> quem se apercebe da necessidade absoluta da aprendizagem da língua Chinesa e do estudo dos hábitos e costumes do país.

Com efeito, é Vallignano que reconhece e vem a aprovar (e a comunicar ao Papa) o pedido de Matteo Ricci<sup>8</sup> de abandonar a aparência e maneirismos dos bonzos budistas e de adotar o perfil dos literatos confucionistas. É a partir daqui, em 1595, que os jesuítas passam a deixar crescer o cabelo e a barba, a alterarem a sua indumentária e nome e a mudarem geograficamente a sua área de influência, precisamente para se adaptarem à nova identidade (Marques, 2015, 58).

Assim sendo, os jesuítas começam a estudar os costumes e a língua chinesa para melhor desenvolverem a atividade missionária iniciando atividades educativas com uma escola para ler e escrever, sendo que, em 1592, o número de alunos inscritos ultrapassava os duzentos. A escola estava aberta a todos os que quisessem aprender os costumes europeus

---

<sup>6</sup> Região no extremo sul do Vietname rodeada pelo Camboja e Annam cuja cidade principal é Saigão. Foi uma colónia francesa desde 1862 até 1954. <http://en.wikipedia.org/wiki/Cochinchina> - página de wikipédia consultada a 20 de abril de 2015.

<sup>7</sup> Missionário Jesuíta nascido em Nápoles. Vallignano ajudou na supervisão da introdução do catolicismo no Extremo Oriente, especialmente no Japão. Fundador do Colégio de São Paulo em Macau. [http://en.wikipedia.org/wiki/Alessandro\\_Vallignano](http://en.wikipedia.org/wiki/Alessandro_Vallignano) - página de wikipédia consultada a 20 de abril de 2015.

<sup>8</sup> Padre jesuíta italiano e um dos fundadores das missões jesuítas na China. O seu mapa mundi em caracteres chineses de 1602 deu a conhecer as Explorações Europeias ao extremo asiático. NdA

e cristãos pelo que a população estudantil era composta por uma amálgama de gentes oriundas de várias partes da Ásia, desde indianos a japoneses.



Figura 2 Igreja Madre de Deus (actuais Ruínas de São Paulo), George Chinnery, s/data

O diálogo cultural profundo inicia-se assim com a abertura daquela que é considerada a primeira universidade ocidental no extremo oriente, o Colégio de São Paulo, e com o contributo que esta daria para a expansão do cristianismo e da civilização portuguesa no mundo (Marques, 2015, 43). Aí, a atividade missionária aliava-se aos estudos chineses pois a grande maioria dos missionários que partiam de Lisboa para Macau

familiarizava-se aí com a língua e as especificidades do Império do Meio.

Esta instituição, a Companhia de Jesus, foi inteligente no modo como se preparou para aceder ao núcleo da China, ao assumir-se como uma entidade capaz de a compreender linguística e culturalmente. É de mencionar que nenhum dos grandes nomes pertencentes a esta instituição, Matteo Ricci, Alessandro Valignano, Ferdinand Verbiest, Michele Ruggieri e Johann Adam Schall von Bell<sup>9</sup>, eram de origem portuguesa. Contudo, houve vários jesuítas portugueses que deram o seu contributo para um dos casos de maior sucesso da história na área da comunicação intercultural (Marques, 2015, 49), sendo porventura o padre Tomás Pereira o mais “mediático”.

Tomás Pereira chegou à China em 1672 e, como todos os restantes missionários, ficou alojado em Macau, no Colégio de São Paulo, de modo a familiarizar-se com os costumes e a língua chinesa. O seu domínio da língua desenvolveu-se de tal forma que mais tarde foi enviado para Pequim para trabalhar na corte do imperador Kangxi<sup>10</sup> (康熙, *Kāngxī*),

<sup>9</sup> Ferdinand Verbiest, Michele Ruggieri e Johann Adam Schall von Bell - Primeira vaga de sinólogos jesuítas a estudar no Colégio de São Paulo, fundado por Alessandro Valignano, e a serem destacados para a China. NdA

<sup>10</sup> 4º Imperador da dinastia Qing (清, *Qīng*). NdA

onde permaneceu durante a maior parte da sua carreira. Desempenhou funções de intérprete nas negociações entre os Qing e a Rússia, em Nerchinsk, resultando no Tratado de Nerchinsk<sup>11</sup>.

Para todos os efeitos, o reinado do imperador Kangxi foi o mais benéfico para as missões jesuítas. A relação que este mantinha para com os missionários era de veras tolerante. Pouco a pouco, a influência dos Jesuítas na Corte Qing e na Elite foi crescendo consideravelmente: muitos ocuparam cargos de conselheiro ou algum outro cargo de poder, geralmente ligado às ciências ocidentais (matemáticas, mecânica, cartografia, artilharia) e às línguas. As contribuições dos Jesuítas no campo da manufatura de armas e artilharia foram de tal forma importantes que mais tarde permitiram a conquista do Reino de Tungning<sup>12</sup> (东宁王国, *Dōngníng Wángguó*).

A forma de atuação dos Jesuítas, pacífica, respeitosa e discreta, fez com que o imperador se tornasse mais recetível aos seus pedidos e sugestões. A influência de Tomás Pereira foi novamente notória quando, em 1692, fez um pedido de tolerância para com o Cristianismo ao imperador e o viu deferido. Foi então publicado o Édito de Tolerância ao Cristianismo que reconhecia o Catolicismo, condenava os ataques às igrejas e legalizava as missões e práticas cristãs pelo povo chinês. Contudo, surgiram controvérsias sobre o facto de cristãos chineses continuarem ou não a participar nos rituais chineses em honra de Confúcio e no culto aos antepassados. Em 1704, sob pressão dos Dominicanos, que viam os métodos jesuítas como heterodoxos, o Papa Clemente XI promulga uma bula na qual corrobora as pretensões Dominicanas, condenando a natureza dos ritos sínicos como sendo de índole religiosa e, por isso, incompatíveis e inaceitáveis sob a perspetiva da igreja católica (Marques, 2015, 76). Em 1705, o Papa Clemente XI envia Charles-Thomas Maillard De Tournon como seu representante ao Imperador Kangxi para o informar da excomunicação dos rituais chineses, oficializado, em 1715, com a bula papal *Ex illa die*. Em resposta, o Imperador Kangxi proíbe oficialmente as missões cristãs na China. Essa ordem seria mais tarde reforçada após a subida do imperador Yongzheng<sup>13</sup> (雍正, *Yōngzhèng*) ao trono, restringindo definitivamente a condição jesuítica a meros homens

---

<sup>11</sup> Primeiro tratado entre a Rússia e a China. Assinado a 27 de Agosto de 1689, este tratado dizia respeito a novas fronteiras e territórios pertencente aos intervenientes. NdA

<sup>12</sup> O reino de Tungning (东宁王国, *Dōngníng Wángguó*) ou Reino de Formosa foi o primeiro governo chinês de etnia Han a reinar em Taiwan de 1661 até 1683. NdA

<sup>13</sup> 5º Imperador da dinastia Qing (清, *Qīng*) e filho de Kangxi. NdA

da ciência, transformando igrejas em hospitais e escolas e neutralizando a presença cristã para lá das portas de Macau (Marques, 2015, 78).

Apesar de banir todas as atividades missionárias, Yongzheng permitiu que os jesuítas continuassem o seu trabalho como homens de ciência sem prescindir dos seus conhecimentos e, em 1728, também ele conclui um tratado com os Russos. No entanto, em 1773, é abolida a Companhia de Jesus acabando de vez com a ação missionária jesuíta na China e qualquer tipo de pretensas que esta teria.

Com isto, as linhas do diálogo, embora que informal, entre as duas nações deterioram-se, uma vez que Portugal deixa de ter missionários na corte imperial.

### **1.3. O ponto de viragem da China Imperial e o declínio de Macau**

Com a subida do imperador Qianlong<sup>14</sup> (乾隆, *Qiánlóng*) ao trono, a dinastia Qing atinge o seu pico máximo. Internamente, havia estabilidade, prosperidade e um governo funcional que regularmente tinha um excedente de capital (Koster, 2012, 47). O desenvolvimento económico e o aumento da produção agrícola durante o reinado dos três grandes imperadores (Kangxi, Yongzheng e Qianlong) levaria a pensar que a China Manchu era bastante poderosa. No entanto, internamente isso estava longe de ser verdade.

As condições económicas e agrícolas que proporcionaram o desenvolvimento da China proporcionaram também um aumento de população que no final do século XVIII já era um caso grave de superpopulação. O descontentamento do povo cresceu face ao declínio das condições de vida, culminando em várias revoltas que iriam enfraquecer o governo central; demoraria 8 anos (1796-1804) a conter a revolta do Lótus Branco<sup>15</sup> (白蓮教, *bái lián jiào*). Em 1813, a revolta dos Oito Trigramas<sup>16</sup> ganhou bastantes apoiantes e chegou perto de Pequim, capturando pelo caminho várias cidades e até mesmo invadindo a Cidade Proibida. Apesar de suprimida com grandes dificuldades, esta e as revoltas anteriores faziam denotar o enfraquecimento do governo chinês. Estava marcado o início do período transicional da China para o declínio.

---

<sup>14</sup> 6º Imperador da dinastia Qing (1735-1799). NdA

<sup>15</sup> Esta rebelião começou por ser um protesto contra os impostos que depois atingiu proporções gigantescas. NdA

<sup>16</sup> Esta rebelião ocorreu em 1813 com algumas semelhanças à revolta do Lótus Branco. NdA

Entretanto, o Ocidente, que se tornava mais forte, também mostrou o seu descontentamento para com o Sistema Tributário, pois pretendia negociar com a China ao modo Ocidental: através de emissários, embaixadores, tratados comerciais e tarifas de importação autenticadas. A China Manchu conservadora foi lenta em reconhecer que a maior ameaça ao seu governo não vinha das suas fronteiras terrestres, mas sim dos “bárbaros do sul” que, com a sua Revolução Industrial, se tinham tornado vastamente superiores à China, tanto em termos tecnológicos, como em termos militares (Koster, 2012, 50). Em breve, a Inglaterra viria a mostrar a sua força militar naquilo que seria considerado um dos episódios mais brutais de imposição Ocidental sobre a China. Será o início de um novo período histórico marcado pelo Imperialismo Ocidental.

Durante o século XVIII, depois de conquistar grandes partes da Índia, a Inglaterra decide investir na manufatura e distribuição de ópio. Até então, as nações ocidentais que tinham ações comerciais com a China experienciavam uma grande afluência de prata como resultado do Sistema Tributário. Para balançar esse comércio, a Inglaterra decidiu exportar grandes quantidades de ópio a troco de prata. Em inícios do século XIX, os chineses viciados na substância incluíam oficiais do governo, membros da família imperial e eunucos. Numa tentativa de parar o consumo de ópio, em 1800 a corte Qing proíbe a importação da substância e novamente em 1813 é banido o seu consumo, mas de nada serve



Figura 3 Fumatório de Ópio, Fausto Sampaio, óleo sobre tela, 1937

pois os ingleses continuam com o comércio por meios ilegais. Em 1839, Lin Zexu<sup>17</sup> (林则徐, *Lín Zèxú*) é enviado para Guangdong<sup>18</sup> (广东, *Guǎngdōng*) para por um fim aos comerciantes e impedir o seu consumo. As suas medidas drásticas, desde subornos e ameaças a destruição de fábricas, de pouco serviram. Para além de Cantão, também Macau era usado como posto de comércio, o que fez com que Lin pressiona-se os

<sup>17</sup> Oficial imperial opositor ao comércio de ópio. NdA

<sup>18</sup> Designação chinesa de Cantão. NdA

portugueses a expulsar os comerciantes ingleses da cidade portuária. Esta expulsão também de nada serviu, fazendo com que os ingleses se fixassem na ilha de Hong Kong.

Em 1840, 16 navios de guerra ingleses partiram da Índia rumo à China. Prevenindo-se do ataque, Lin comprou novos canhões e fechou o estuário do rio de Pérolas. Mas o alvo da armada não era Cantão. Navegando para lá de Cantão, os ingleses aportaram nos portos de Ningbo e Tianjin, encerrando-os e forçando o governo chinês a iniciar negociações que resultaram na cessão de Hong Kong e no pagamento em prata dos custos ingleses na expedição militar.

Lin Zexu, que entretanto tinha sido exilado por causar o início da guerra, foi trazido acorrentado para Pequim. A segunda intervenção militar por parte dos ingleses ocorreu um ano mais tarde, em 1841 com a ocupação de várias cidades costeiras, incluindo Xangai. Esta intervenção resultou no Tratado de Nanjing que por sua vez resultou no aumento da indenização anteriormente exigida, a abolição do sistema Cohong<sup>19</sup>, a abertura de 5 portos (Guangzhou, Xiamen, Fuzhou, Ningbo e Xangai), assim como a instauração de uma tarifa fixa de importação. Este tratado desigual, um de muitos outros que se seguiram, teve consequências devastadoras na autonomia da corte chinesa, tanto a nível legal como económico. A pior consequência deste tratado foi sem dúvida a “cláusula da Nação Mais

---

<sup>19</sup>Associação de mercadores chineses que operavam o monopólio de importação-exportação de Cantão durante a dinastia Qing. NdA



Favorecida<sup>20</sup>”. De facto, com este tratado era visível o declínio da soberania chinesa. Em breve, a China estaria dividida em concessões por forças estrangeiras competindo umas com as outras por “esferas de influência” em território chinês.

Em 1842, as ilhas de Hong Kong foram cedidas às forças inglesas, fazendo com que a posição de Macau como maior centro regional de comércio diminuísse, uma vez que os navios de grande porte preferiam as águas profundas do porto de Victória, em Hong Kong. Numa tentativa de inverter esse declínio, Portugal declarou Macau um porto livre, expulsou os oficiais e militares chineses e diminuiu os impostos dos seus habitantes. Por volta de 1848 até 1870, Macau torna-se num dos portos de trânsito de escravos. Em 1849, Portugal abole os costumes chineses e declara Macau “independente” deixando assim de pagar renda à corte chinesa. Estas ações não foram aceites sem nenhuma retaliação por parte dos chineses, mas o poderio militar português era superior e depressa pôs fim aos avanços chineses.

Entre 1851 e 1864, Portugal ganha controlo sobre Taipa e Coloane, duas ilhas a sul de Macau e, em 1883, Macau, juntamente com Timor, torna-se uma província ultramarina. Entretanto, a partir da década de 1870, a atenção de Portugal passou a consagrar-se quase inteiramente a África, onde o país lutava para se manter



Figura 4 Caricatura da época retratando a China como um bolo a ser dividido pela Inglaterra, Alemanha, Rússia, França e Japão

na corrida imperialista ao domínio do continente africano. Para Lisboa, a África era o futuro e o Oriente o passado (Castelo-Branco, 2014, p. 213). Apenas em 1887 é que Portugal e China assinariam o Tratado de Pequim, tratado esse que transferia o controlo de Macau para Portugal.

Enquanto isso, em 1850 desencadeou-se uma das maiores e mais terríveis guerras civis na História chinesa. A revolução Taiping, que se espalhou por 16 províncias, duraria 14

<sup>20</sup> Se alguma nação obtivesse algum privilégio da China, a Inglaterra também obteria o mesmo privilégio. NdA

anos até ser reprimida, destruindo 600 cidades e provocando a morte de mais de 20 milhões pessoas.

A partir de 1860, o desastroso desfecho das guerras do Ópio, a emergência do novo sistema internacional e o colapso do sistema tributário chinês obrigaram o Império a dotar-se de novos instrumentos de relacionamento com o mundo exterior, de modo a corresponder às demandas militares e políticas do Ocidente, tentando adaptar conhecimentos e tecnologia Ocidentais e, ao mesmo, tempo preservando os valores e conhecimentos chineses.

Em 1861, era criado o Zongli Yamen (总理衙门, *Zǒnglǐ yámén*), departamento estatal com alçada sobre os Negócios Estrangeiros. A China tornava-se mais culta acerca do Ocidente, com a tradução de vários livros das áreas da ciência, filosofia e cultura e com a tradução de jornais ocidentais em Hong Kong e Xangai, para além de enviar jovens estudantes para várias universidades europeias. Estes seriam os primeiros diplomatas e agentes de mudança cultural, artística e ideológica no seu país de origem.

Apesar dos seus esforços de adaptação a um novo mundo, a China continuava com grandes problemas internos.

#### **1.4. Da queda da China Imperial à proclamação da República Popular da China**

Com as Guerras Sino-Japonesas (1894-5 e mais tarde em 1937-45), dá-se uma quebra na ordem tradicional internacional oriental. A China, que até há poucos séculos era retratada como a potência asiática, vê-se derrotada pelo Japão numa guerra sobre influência na Coreia. Isto apenas viria a reafirmar o declínio do poderio chinês. Como se não bastasse, os conflitos internos aumentam assim como o descontentamento do povo. Em 1899, a revolta dos Boxers surge como a voz do povo chinês contra as forças estrangeiras. Este movimento pró-nacionalista e anti-imperialista foi, no entanto, esmagado em 1901 pelas Grandes Potências: Império Austro-Húngaro, França, Prússia, Rússia, e Inglaterra. Não obstante, a rebelião foi uma verdadeira humilhação para os Qing – a vitória não pertencia



às tropas imperiais chinesas mas sim às forças estrangeiras. Em 1911 deu-se a derradeira revolução que derrubaria a última dinastia imperial. A revolução Xinhai (辛亥革命, *Xīnhài gémìng*) resultou na vitória da Aliança Revolucionária Chinesa<sup>21</sup>, na abdicação do imperador Xuantong<sup>22</sup> (宣统帝, *Xuāntǒng Dì*) e consequente queda da dinastia e, por fim, na criação do Governo Provisório da República da China, em 1912. Os dias da China Imperial tinham chegado ao fim.

Depois do sucesso em derrubar a dinastia Qing, Sun Yat-Sen<sup>23</sup> (孙中山, *Sūn zhōngshān*) é declarado presidente, mas pouco tempo depois é obrigado a abdicar do cargo para Yuan Shikai (袁世凯, *Yuán shìkǎi*) que comandava o Novo Exército<sup>24</sup> (新军, *Xīnjūn*). Nos próximos anos, Yuan aboliu as assembleias provinciais e nacionais e, em 1915, declarou-se imperador. No entanto, as suas ambições imperialistas foram fortemente opostas pelos seus subordinados; face às perspectivas de rebelião, em março de 1916 abdica e poucos meses depois acaba por falecer.

A sua morte deixou um vácuo no poder, pois o governo republicano estava dividido. Este clima de divisão e incerteza política deu origem a uma corrida ao poder por parte dos Senhores da Guerra. Era uma corrida ao poder por influência e poderio militar, assim como territorial. Em vez de uma China unida por um único líder, esta estava novamente dividida por senhores da guerra que apesar de buscarem proveito próprio, a maioria aderiu à causa do nacionalismo chinês.

A desintegração política abriu caminho ao aparecimento de novos partidos: o Partido Comunista Chinês (PCC) foi então fundado e o Guomindang (国民党, *Guómíndǎng*), sob a alçada de Sun Yat-sen, reorganizou-se e começou a lutar pela reunificação da China.

A 4 de maio de 1919, chegou a Pequim a notícia de que a Conferência de Paz de Paris decidira que os interesses germânicos em Shandong, confiscados pelo Japão durante a guerra<sup>25</sup>, não seriam devolvidos à China e sim mantidos sob controlo nipónico. Uma multidão de 3000 estudantes juntou-se na Praça de Tiananmen e marchou para as legações

---

<sup>21</sup> Esta aliança foi formada através da junção de muitos grupos revolucionários durante a dinastia Qing. NdA

<sup>22</sup> Também conhecido como Puyi (溥仪, *Pǔyí*), o último imperador da China. NdA

<sup>23</sup> Sun Yat-sen (1866-1925), revolucionário chinês, fundador e primeiro presidente da República da China. NdA

<sup>24</sup> Corpo de exército modernizado formado durante a dinastia Qing em 1895. Foi visionado como uma milícia totalmente treinada e equipada segundo os padrões ocidentais. [http://en.wikipedia.org/wiki/New\\_Army](http://en.wikipedia.org/wiki/New_Army) - página de wikipédia consultada a 14 de maio de 2015

<sup>25</sup> 1ª Guerra Mundial (1914-1919) – atendendo à Aliança Anglo-Japonesa, o Japão uniu-se aos Aliados e em agosto de 1914 ocupou a cidade portuária Qingdao (青岛, *Qīngdǎo*) na província de Shandong que era a base alemã na Ásia. NdA

estrangeiras. A marcha foi bloqueada pela polícia, fazendo com que os estudantes se dirigissem então para a casa de Cao Rulin (曹汝霖, *Cáo rǔlín*) – o ministro das comunicações que negociara as Vinte e Uma Exigências<sup>26</sup> – e a incendiassem. O incidente rapidamente se transformou num protesto nacional. Cao Rulin demitiu-se do governo e, pouco depois, este caiu. A delegação chinesa em Versalhes recusou-se a assinar o acordo final. O incidente constituiu o acontecimento central do movimento intelectual e cultural conhecido como o Movimento Quatro de Maio (Roberts, 2011, p. 247).



Figura 5 Sun Yat-sen e Chiang Kai-shek, 1924

Com a morte de Sun Yat-sen em 1925, Chiang Kai-shek (蔣介石, *Jiǎng jièshí*) assume o comando do Guomindang e no ano a seguir lança uma campanha militar conhecida como a Expedição do Norte, campanha essa cujo objetivo era não só terminar com o domínio dos senhores da guerra, mas também reunificar o país (Roberts, 2011, 233). Para isso, em 1926, o Guomindang decidiu unir forças com os Comunistas na luta contra os Senhores da Guerra criando a primeira frente unida. Apesar desta cooperação entre as duas forças, as suas divergências permaneciam.

A luta entre o Guomindang e os Comunistas continuou durante a ocupação japonesa de várias partes do país (1931-1945), mas em 1937, as duas forças reúnem-se numa segunda frente unida contra o Japão naquilo que viria a ser a segunda guerra sino-japonesa (1937-1945), pertencendo à 2ª Guerra Mundial.

Entretanto, Macau passou a ser um centro de refugiados já que, como colónia portuguesa, também detinha o mesmo estatuto de neutralidade. Como tal, Macau gozou de um pequeno período de prosperidade económica como único porto neutro no sul da China, depois do Japão ocupar Cantão e Hong Kong. Contudo, apesar da sua neutralidade, a guerra também afetou a cidade de um modo indireto.

---

<sup>26</sup> Conjunto de exigências impostas ao governo chinês pelo governo japonês durante a 1ª Guerra Mundial. NdA

O aumento de população levou a uma escassez de comida, o que por sua vez originou a criação de rações. Devido à sua localização geográfica, Macau era bastante desejada pelos japoneses. Em 1943 os japoneses exigiram a instauração de conselheiros japoneses sob pena de ocupação militar. O resultado foi a criação de um protetorado virtual japonês que terminou em 1945.

Com a derrota do Japão em 1945, a luta entre as forças comunistas e nacionalistas cessa, apesar de não chegarem a nenhum acordo de reconciliação. Por volta de 1949, o Partido Comunista Chinês, sob a alçada de Mao Zedong (毛泽东, *Máo zédōng*), consegue estabelecer a maior parte do país sob o seu controlo e derrotar o Guomindang que se retira para Taiwan. No dia 1 de Outubro de 1949, Mao Zedong proclamou a República Popular da China.

## **1.5. A República Popular da China e a Questão de Macau**

Em relação a Macau, o novo governo declara inválido o Tratado de Pequim, assinado em 1887, assim como o declara ser um tratado desigual imposto à China por estrangeiros. No entanto, Pequim ainda não estava preparada para revolver esta questão e decide adiar a sua resolução. A mesma decisão será tomada em relação a Hong Kong.

Entretanto, a República Popular da China toma forma seguindo uma série de campanhas e reformas de cinco anos. Este período de reformas, conhecido como fase reformista, duraria até à morte de Mao Zedong, em 1976. Nesta primeira fase, Mao tentou traduzir o empenho revolucionário do PCC numa prática política. Isso conduziria a uma série de medidas implementadas durante o período soviético, de 1952 a 1958, o Grande Salto em Frente e o seu desfecho, de 1958 a 1965, e a Revolução cultural, de 1966 até à morte de Mao Zedong, uma década mais tarde. A segunda fase da tomada de poder dos comunistas na China seria então apelidada de fase pragmática, que se prolongou até à morte de Deng Xiaoping<sup>27</sup> (邓小平, *Dèng Xiǎopíng*), em 1997, e que ainda continua (Roberts, 2011, 283).

---

<sup>27</sup> Deng Xiaoping (1904-1997), após a morte de Mao Zedong em 1976, Deng tomou o seu lugar como líder da China apesar de nunca ter sido presidente da República Popular da China ou presidente do Partido Comunista. NdA

Durante a primeira fase, ocorreram vários acontecimentos que marcaram profundamente a vida política em Macau e as relações entre Portugal e a China Continental. No período de 1949-50, o governo português foi pressionado pelos governos da República Popular da China e do Reino Unido para acompanhar este último no reconhecimento da República Popular da China, mas contava com um obstáculo de peso, a recusa dos Estados Unidos da América em fazê-lo. A oposição a este ato não foi só externa. Todas as figuras políticas portuguesas na China, desde cônsules-gerais até ao governador de Macau, foram unânimes em recomendar o reconhecimento e o estabelecimento de relações diplomáticas com a República Popular da China. Todavia, António de Oliveira Salazar, presidente do conselho, opôs-se por todos os meios e a questão morreu (Castelo-Branco, 2014, 339). No ano a seguir, em 1951, o Regime de Salazar declara Macau, assim como outras colónias portuguesas, uma ‘província ultramarina’ de Portugal.

Portugal manteve assim, entre 1949 e 1975, relações diplomáticas com a República da China (Formosa/Taiwan). Demoraria três anos (entre maio de 1974 e fevereiro de 1979) até se iniciarem as relações diplomáticas entre Portugal e a República Popular da China. Antes disso existem registos de um conjunto de sérios incidentes entre a província chinesa de Guangdong e o pequeno território de Macau.

Em 1952, tiveram lugar tumultos junto da Porta do Cerco, a fronteira terrestre entre Macau e a República Popular da China. Passados três anos, em 1955, teve lugar o cancelamento do IV Centenário de Macau. Este conflito foi muito mais sério que o anterior, uma vez que as partes envolvidas eram Macau e as autoridades de Pequim, envolvendo, nomeadamente, o primeiro-ministro Zhou Enlai (周恩来, Zhōu ēnlái).



*Figura 6 Macau, 1953 in National Geographic Portugal - Maio de 1953*

Em 1966 e 1967, deu-se a chamada Revolução Cultural. Pouco tempo depois do seu início na China Continental, chegou a Macau. A sua chegada deu origem a vários motins, quando as autoridades de Macau entraram em conflito com chineses locais, o mais sério

sendo o Motim 1-2-3. Este conflito gerou-se devido à reação exagerada de alguns oficiais portugueses numa disputa de licenças de construção.

A questão foi resolvida quando o governo português assinou dois acordos, um com a comunidade chinesa de Macau e outro com a China Continental que o compeliu a pagar uma compensação monetária no valor de 2 milhões de patacas<sup>28</sup> aos líderes de comunidades chineses e proibiu todas as atividades do Guomindang em Macau.

## **1.6. Restabelecimento de relações diplomáticas: Portugal-China**

Com o 25 de Abril de 1974, estavam criadas as condições para uma aproximação à República Popular da China. Terminado, por nossa iniciativa, o relacionamento com Taiwan e encerrada a respetiva Legação em Lisboa, a Constituição de 1976 veio trazer um significativo apoio a uma aproximação luso-chinesa, ao omitir a afirmação da nossa soberania em Macau; além disso tinham sido aceites os termos propostos pela China na ONU, em 1972, de que uma descolonização em moldes clássicos não seria o caminho a seguir (Castelo-Branco, 2014). Estavam assim assumidas as premissas fundamentais para uma reaproximação entre os dois países e o estabelecimento de relações diplomáticas formais e normais, reatando assim um diálogo de vários séculos, interrompido por razões político-ideológicas em 1974, e que, durante três décadas, se mantivera apenas a nível informal por intermédio de instâncias privadas em Macau (Castelo-Branco, 2014, p. 344).

Sendo o objetivo a definição do futuro de Macau e a sua transferência de soberania, o período que vai desde o início da negociação da Declaração Conjunta, em 1986, até à transferência de poderes, em 1999, terá sido possivelmente o mais complexo e intenso dos quatro séculos e meio de presença portuguesa na China. Tendo quase sempre Macau sido o cerne daquele diálogo e sendo o pós-guerra marcado por fortes correntes descolonizadoras, a questão de Macau foi central no processo de reatamento de relações.

---

<sup>28</sup>Moeda macaense NdA

“A Declaração Conjunta foi ao mesmo tempo o texto possível e um texto positivo, designadamente por se salientar a «amizade» subjacente – no preâmbulo há referência explícita às «relações amistosas» e às «relações de amizade» direitos e costumes dos habitantes de Macau até ao limite consentâneo com as políticas e o quadro jurídico da República Popular da China. O ambiente pacífico e de progresso vivido em Macau de então para cá são disso mesmo o melhor testemunho.”

(Castelo-Branco, 2014, p. 346)

“A Declaração Conjunta é composta por um corpo principal, em que os Governos dos dois países definem a cronologia e estrutura da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM), e dois Anexos em que a China presta esclarecimentos, aceites por Portugal, sobre as políticas fundamentais e os arranjos relativos ao período de transição, dividindo-se este num primeiro período – 1988 a 1999 – em que a cogestão do território é exercida pelos dois governos através do Grupo de Ligação Conjunto e do Grupo de Terras, e num segundo – 1999 a 2049 – em que, terminada a cogestão e extintos os dois Grupos, se mantêm em vigor as políticas fundamentais constantes do Anexo I e a China se compromete a não aplicar em Macau «o sistema e as políticas socialistas, mantendo-se inalterados os atuais sistemas social e económico, bem como a respetiva maneira de viver».”

(Castelo-Branco, 2014, pp. 346-348)

As negociações e o acordo alcançado entre os dois governos são as razões pelas quais o relacionamento luso-chinês pode, no presente, ser qualificado de excelente, por demonstrarem como dois países, tão diferentes em cultura, regimes políticos e sociedade, conseguiram chegar a um consenso em relação a um território, permitindo o seu desenvolvimento e prosperidade.

## **CAPÍTULO 2 – Um diálogo económico e comercial**

## 2.1. Enquadramento do desenvolvimento económico da China

“A China dos últimos séculos foi sucessivamente autocentrada, constrangida à abertura pela força das armas, colonizada, fragmentada por uma guerra civil fratricida, isolacionista, internacionalista, líder virtual das nações de *terceiro mundo*, anti sistémica, estrategicamente oportunista na fase final da Guerra Fria, membro ativo do *status quo* e firmemente independente na sua política externa. Neste século a China é, cada vez mais, um contraponto à retórica terceiro mundista, um poderoso influente membro virtual do primeiro mundo. A China transformou-se na nação indispensável.”

(Cunha, 2012, 19-21).

Aquando a passagem de Macau para o Governo chinês, a China já se encontrava numa fase de mudança económica e industrial que viria a ser um dos fatores para o rápido crescimento económico atual. Quando falamos nesta fase de mudança, não podemos deixar de mencionar Deng Xiaoping, que terá sido o seu precursor. O seu estilo de política era altamente personalizado ditado pelo pragmatismo (Cunha, 2012, 19). O seu método primava pela junção da ideologia socialista do Partido Comunista com a adoção de práticas de economia de mercado, que seria denominada por Economia de Mercado Socialista<sup>29</sup>.

“不管白猫黑猫，能抓到老鼠就是好猫”<sup>30</sup>

“Não importa se o gato é preto ou branco, desde que consiga apanhar ratos é um bom gato.”

O principal objetivo de Deng era efetuar uma transformação da política económica do país. As várias reformas económicas implementadas permitiram que a China se desenvolvesse rapidamente para além de aumentar as condições de vida de milhões de chineses. O seu domínio na cena política chinesa prolongar-se-ia até 1990, quando se retirou de todos os cargos oficiais que ocupava. A sua influência, contudo, far-se-ia sentir praticamente até à sua morte, em fevereiro de 1997. Das suas reformas destacam-se a criação de quatro Zonas Económicas Especiais, em 1979, de modo a atrair capital estrangeiro: em Zhuhai, a norte de Macau, Shenzhen, perto de Hong Kong, Shantou e Xiamen. As empresas estrangeiras beneficiaram de condições vantajosas para os seus investimentos, de locais apropriados e de mão-de-obra barata. Com esse investimento

<sup>29</sup> Economia de Mercado Socialista [https://en.wikipedia.org/wiki/Socialist\\_market\\_economy](https://en.wikipedia.org/wiki/Socialist_market_economy) - Consultado em Outubro de 2015

<sup>30</sup> Bùguǎn bái māo hēi māo, néng zhuā dào lǎoshǔ jiùshì hǎo māo. NdA.



estrangeiro foram introduzidas não apenas novas tecnologias mas também novas práticas cambiais e de gestão (Roberts, 2011, p. 315).

A China iniciou a sua dramática transição de um sistema de planeamento centralizado em direção à economia de mercado nos anos de 1980, mas só nos anos 1990 seria dada prioridade a duas tarefas económicas prementes: a radical reestruturação das empresas estatais e a redução drástica da vasta força laboral dependente da “tigela de arroz”, ou seja, do emprego estatal. A necessidade de reformas tornou-se mais urgente com a candidatura da China à Organização Mundial de Comércio, que abriria o país à concorrência estrangeira (Roberts, 2011, p. 326).

As políticas de Deng tornaram a China numa das economias de crescimento mais rápido no mundo nos últimos 50 anos. O desenvolvimento mais extraordinário da China no último quarto de século foi, sem dúvida, o ritmo acelerado do seu crescimento. Entre 1979 e 2002, o produto interno bruto real da China cresceu em média 9,3 por cento ao ano.



Figura 7 Crescimento do PIB chinês (amarelo) em comparação com o crescimento do PIB mundial (azul) Fonte: [http://finance.sina.com.cn/worldmac/indicator\\_NY.GDP.MKTP.KD.ZG.shtml](http://finance.sina.com.cn/worldmac/indicator_NY.GDP.MKTP.KD.ZG.shtml), consultado a 11 de Junho de 2015

As reformas implementadas por Deng Xiaoping, aliado ao investimento estrangeiro, proveniente das quatro Zonas Económicas Especiais, Zhuhai, a norte de Macau, Shenzhen, perto de Hong Kong, Shantou e Xiamen, através do Investimento Directo Estrangeiro (IDE), em particular através das “joint-ventures”; e da introdução de novas tecnologias e novas práticas cambiais e de gestão, foi o empurrão final para catapultar a economia.

Hoje, produtos com a inscrição “*Made in China*” podem ser vistos em todos os cantos do mundo.

Desde 1978 que os valores de importação e exportação da China têm tido uma média de aumento anual de 15%, que não só é superior à taxa de crescimento económico da China, mas também excede a média anual de crescimento do comércio mundial em 8 pontos percentuais (Ma, 2004, p. 176).

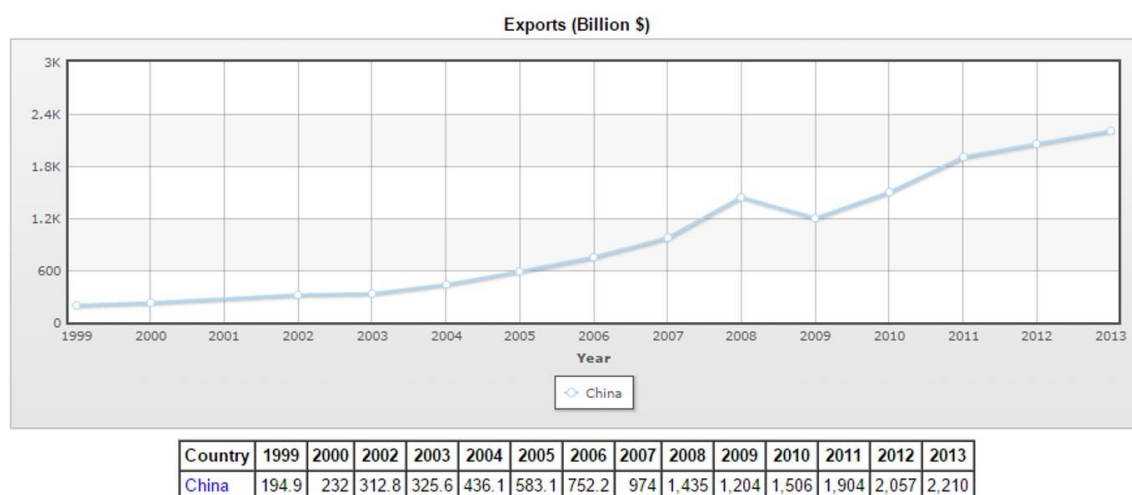


Figura 8 Exportações da China 1999-2013, Fonte: indexmundi, consultado a 12 de Agosto de 2015

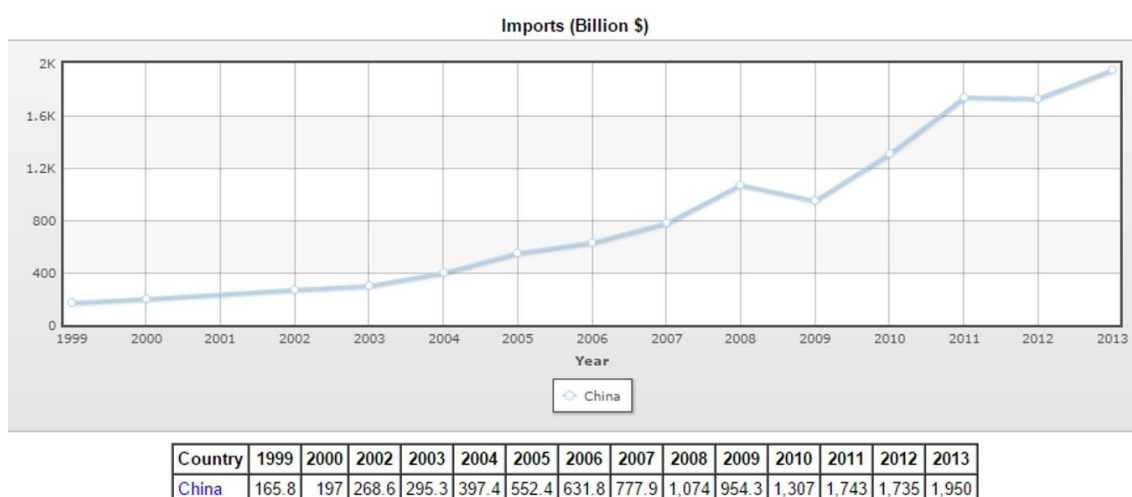


Figura 9 Importações da China 1999-2013, Fonte: indexmundi, consultado a 12 de Agosto de 2015

Equitativamente, a partir da década de 1970, a China evoluiu de um Sistema de planeamento central para um sistema orientado para o mercado. A reestruturação da economia e consequente eficiência dos ganhos contribuíram para o aumento do PIB dez

vezes mais desde 1978. A partir daí a taxa média de crescimento do PIB *per capita* tem sido de 8.1%. Como analisado, a economia chinesa tem-se desenvolvido muito rapidamente. O crescimento do rendimento *per capita* é muito mais rápido do que aquele em qualquer outra região no mundo com uma média de crescimento do PIB per capita de 8.1% durante o período de 1978-2002 (Zhixiao, 2003, p. 4).

Durante esse mesmo período, o volume de exportações da China aumentou rapidamente, particularmente os produtos derivados do trabalho intensivo (Zhixiao, 2003, 128).

Apesar de todo o crescimento verificado, a crise económica global que começou em 2008 afetou deveras a economia chinesa. As exportações, importações e o fluxo de investimento estrangeiro direto caíram e o crescimento do PIB diminuiu de 9.6% em 2008 para 9.2% em 2009.

Para além dos efeitos da crise económica mundial, a própria economia chinesa tem vindo a diminuir nos últimos anos. Apesar de uma pequena melhoria, o PIB tem vindo a cair de 10.4% em 2010 para 7.8% em 2012 e em 2014 para 7.3% (Morrison, 2015, p. 2).

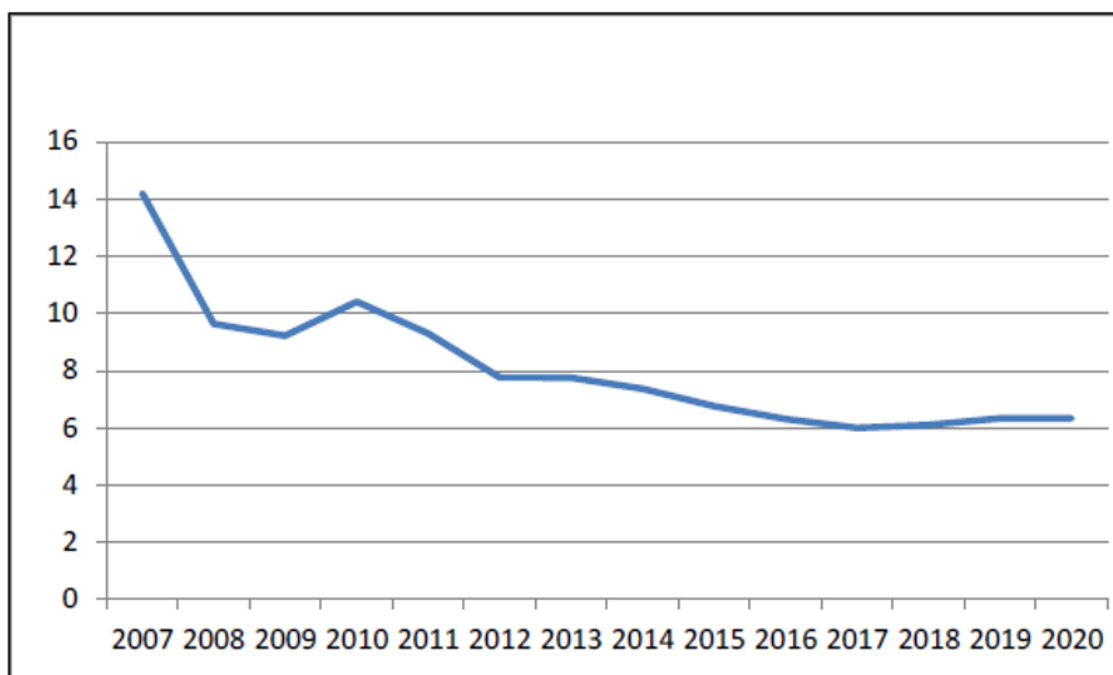


Figura 10 Crescimento do PIB da China em 2007-2014 e Projeções até 2020; Fonte: IMF, World Economic Outlook, April 2015.

A China era caracterizada, de forma geral, pela abundância de mão-de-obra, associando-se as suas exportações a produtos de trabalho intensivo, de preços baixos, baixa qualidade e baixo nível tecnológico. Vários estudos (Waley-Cohen, 1993; Lemoine e Uncal-

Kesenci, 2004; Shiue e Keller, 2007) referem a evolução das economias, em particular as economias asiáticas, passando por fases de indústrias especializadas em trabalho intensivo (têxteis, calçado) para indústrias de sectores tecnológicos mais avançados (equipamento elétrico, eletrónico, telecomunicações) (Rocha, 2009, p. 7). Para a China, essa mudança foi relativamente rápida e cedo. Apesar da crise económica mundial e do recente abrandamento de crescimento do PIB, a economia chinesa contínua em alta. Atualmente é o maior exportador de equipamento elétrico, eletrónico e de telecomunicações.

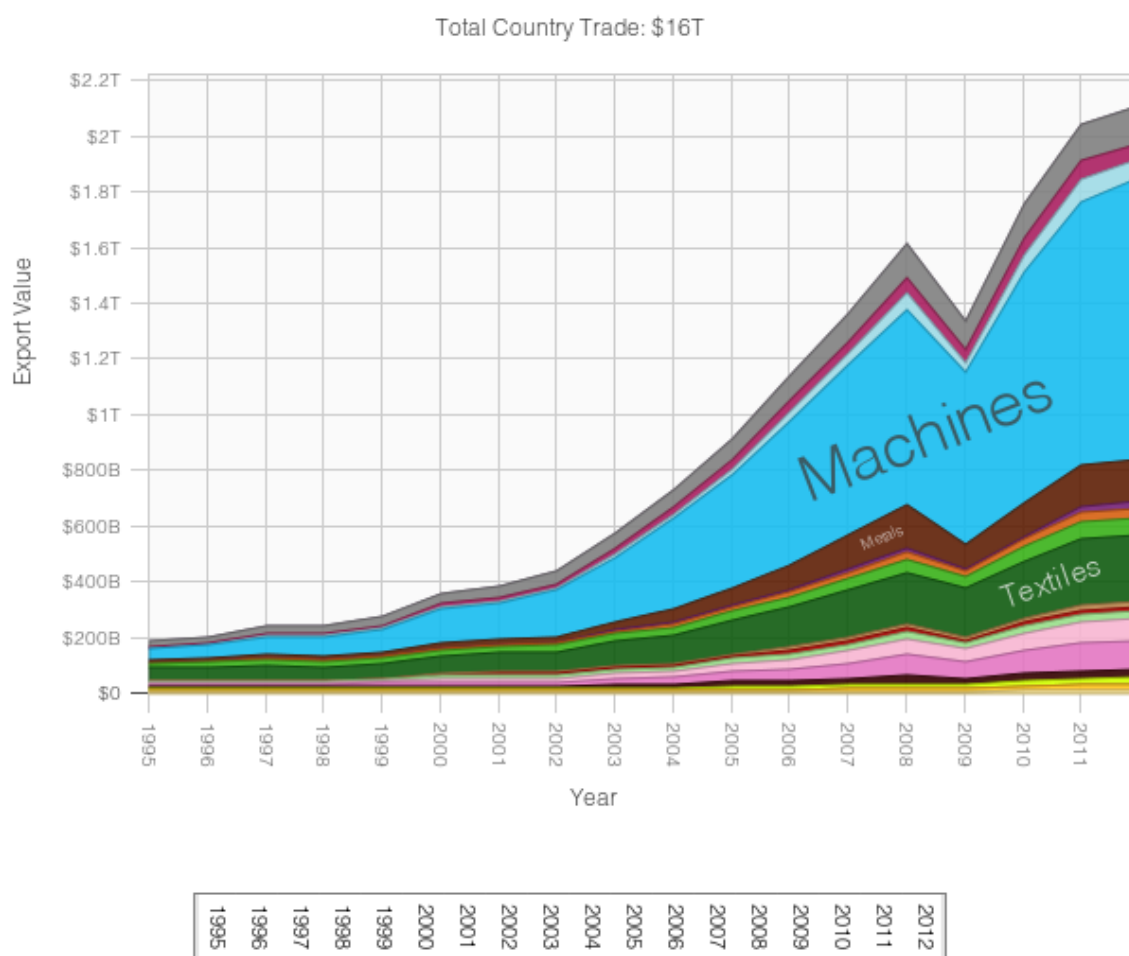


Figura 11 Percentagem de produtos exportados pela China, Fonte: <https://atlas.media.mit.edu/en/profile/country/chn/>, consultado a 12 de Agosto de 2015

De acordo com Rodrik (2006), comparativamente com os seus competidores mais diretos, a Índia, Hong Kong e a Coreia do Sul, desde 1992, a China foi a economia que registou o crescimento mais rápido no nível da sofisticação das suas exportações. No caso da China, motivada pela sua especialização vertical do processo produtivo, o comércio de

produtos intermédios e componentes tem adquirido uma crescente relevância no panorama do comércio internacional, em particular na região asiática (Lemoine e Unal-Kesenci, 2004). (Rocha, 2009, p. 7)

Para os próximos anos, espera-se que a China avance na cadeia de valores, resultando num crescimento da sofisticação das exportações graças aos passados investimentos em capital físico e humano e em capacidade tecnológica (Schellekens, 2015)<sup>31</sup>.

A China, motivada pelas suas contínuas reformas políticas e económicas tem registado um crescimento significativo da sua economia em geral e em particular um crescimento do comércio. Este crescimento tem dado a oportunidade para outros países estabelecerem relações com a China, em particular através do comércio. Por sua vez, a expansão da economia chinesa permitiu à China reafirmar-se como uma das quatro economias mais poderosas, ultrapassando o Japão que detinha a 2ª posição.

Paralelamente às bem-sucedidas negociações sobre Macau, as relações entre a China e Portugal foram-se desenvolvendo rapidamente com a assinatura de numerosos acordos, protocolos, memorandos, cobrindo progressivamente todos os campos de cooperação bilateral.

Momento que merece especial referência, por ser um demonstrativo da excelência das relações entre os dois Estados, foi a assinatura de uma Parceria Estratégica Global, que teve lugar a 9 de dezembro de 2005, durante a visita a Lisboa do então primeiro-ministro chinês, Wen Jiabao (温家宝, Wēn Jiābǎo). O documento em questão aborda questões de Diálogo Político, Economia, Língua, Cultura e Educação, Ciência e Tecnologia, Justiça e Saúde mas, para além dos vastos domínios nele cobertos, tem particular significado elevar as relações entre os dois países a um patamar superior e nunca antes alcançado (Castelo-Branco, 2014, p. 349).

Desde essa data as relações têm-se desenvolvido de forma cada vez mais rápida, através de visitas de Estado recíprocas, frequentes delegações oficiais, incremento assinalável do

---

<sup>31</sup> Consultado em <http://blogs.worldbank.org/latinamerica/why-transformation-china-presents-opportunity-brazil> a 14 de setembro de 2015

comércio bilateral, cooperação no ensino, na ciência, na cultura, enfim, em todas as áreas onde possa existir um interesse comum aos dois Estados (Castelo-Branco, 2014, p. 350).

Exemplo dessa excelência de relacionamento é o facto de em 2012 Portugal ter sido o principal destino do investimento chinês na Europa e que o comércio bilateral colocou a China entre os 10 principais parceiros económicos de Portugal (Castelo-Branco, 2014).

## 2.2. Investimento chinês em Portugal



Figura 12 Cronologia dos Principais Investimentos chineses em Portugal,  
Fonte: PÚBLICO/Portuguese Economy Probe

“Com reservas financeiras gigantescas, acumuladas em décadas de crescimento sem paralelo, o dragão asiático está com fome de investimento no estrangeiro” (Madeira, 2015, pp. 38-39) e Portugal parece ser um dos favoritos.

Desde 2011, com o início da privatização da companhia elétrica portuguesa (EDP) por parte da empresa estatal chinesa Three Gorges, que os interesses comerciais chineses em Portugal se têm vindo a acentuar. Desde essa data que o investimento chinês em Portugal é superior a cinco mil milhões de euros.

O ano de 2012 provou ser muito proveitoso em investimento chinês: após a compra de 21,35% da EDP, seguiu-se a privatização da REN, Redes Energéticas Nacionais, no qual a chinesa State Grid compra 25% da gestora de infraestruturas, por 387 milhões de euros; em fevereiro, a empresa de tecnologia de comunicações HUAWEI inaugura o seu novo centro tecnológico em Portugal com um investimento de 10 milhões de euros, a acrescer aos 40 milhões já aplicados desde a entrada da empresa no mercado português em 2004; e para terminar o ano, em Dezembro, a Three Gorges compra 49% dos ativos eólicos da EDP em Portugal, por 359 milhões de euros.

Só no primeiro semestre de 2013 a China investiu mais de 45 mil milhões de euros no estrangeiro, em sectores tão díspares quanto a agricultura e o imobiliário. Depois do assalto aos recursos naturais, o capital chinês está a entrar numa segunda fase: procura tecnologia, valor acrescentado e qualidade de gestão (Paes, 2013, 42-47).





facto as investidas chinesas, tanto em Portugal como no resto do mundo, evidenciam de que modo a China se quer afirmar como a nova grande potência mundial.

Comparando os investidores chineses podemos classificá-los em dois tipos: os da primeira vaga pertencentes predominantemente a empresas estatais (Three Gorges e State Grid) e os de segunda vaga pertencentes a investidores fora do espectro estatal (Fosun e Anbang) (Madeira, 2015, pp. 38-39). Mas mesmo sendo empresas privadas, as ligações ao PCC<sup>33</sup> são óbvias. Guo Guangchang, presidente da Fosun, está no Conselho Consultivo do Partido Comunista Chinês e no caso de Wu Xiaohui, dono da Anbang, as relações com o poder vão para além do Partido Comunista – foi casado com a neta de Deng Xiaoping. É quase impossível fazer negócio com empresas privadas que não tenham qualquer tipo de ligação a Pequim.

Apesar da entrada em força em Portugal, os chineses tendem a mexer pouco nas empresas que controlam no país. «A tradição chinesa é de não mudar o que está a funcionar bem», explica Ilídio Serôdio (Paes, 2013, pp. 42-47).

Os investidores chineses tendem a não gostar de ‘danças de cadeiras’ e, ao preservarem os elementos da gestão nas empresas que adquirem, “estão a comprar também a qualidade da sua gestão e estratégia. É uma forma de garantirem tecnologia e negócios sofisticados, além de conhecimentos de gestão que, pela natureza do mercado, são naturalmente mais avançados nos países ocidentais”, reflete a economista e ex-conselheira do Banco Mundial, Dambisa Moyo (Paes, 2013, pp. 42-47).

A China começou a suscitar interesse como mercado a partir de 2000. Contudo, é nos anos recentes que se verifica um aumento de apoios do governo português para atrair e manter o capital chinês em Portugal.

Em finais de 2012, o governo português decide criar o ‘Golden Visa’, ou seja, uma autorização de residência temporária para atividade de investimento com a dispensa de visto de residência para entrar em território nacional<sup>34</sup>. Com esta facilitação de obtenção de um ARI<sup>35</sup>, o investimento de origem chinesa no imobiliário português foi um dos que mais cresceu em 2013 arrastando todo o sector de imobiliário consigo.

---

<sup>33</sup> Partido Comunista Chinês

<sup>34</sup> De acordo com o site oficial do SEF (Serviço de Estrangeiros e Fronteiras). NdA

<sup>35</sup> Autorização de Residência para Atividade de Investimento, Golden Visa. NdA

Apesar do recente escândalo de corrupções relacionadas com o ‘Golden Visa’, estes não trouxeram grandes efeitos negativos para o programa. Na verdade, de um modo geral, o programa ‘Golden Visa’ trouxe mais benefícios a Portugal e aos investidores chineses do que desvantagens: para além do ‘boom’ do sector imobiliário, os investidores trouxeram consigo quase 1.33 milhares de milhões de euros em investimentos. Em 2014 Portugal foi o terceiro mercado imobiliário europeu que atraiu mais investimentos chineses, disse a revista mensal News China na edição de Março de 2015.

Todo isto graças à atratividade do programa ARI. Segundo fontes chinesas, Portugal é o sítio ideal tanto para negócios como para viver: dispõe de grandes vantagens ambientais e o valor mínimo do investimento para a adesão ao ‘Golden Visa’ é relativamente baixo para os padrões chinês<sup>36</sup>.

Para além da atração do sector imobiliário e tecnológico, tem-se verificado um aumento de exportação de produtos do sector alimentar, em particular o azeite e o vinho.

---

<sup>36</sup> Refiro-me apenas aos padrões dos grandes investidores e magnatas. NdA

## 2.3. Atenções viradas para Oriente

“Segundo dados do Banco de Portugal, divulgados pela AICEP – Agência para o Investimento e Comércio Externo de Portugal, a economia lusa, em 2012, foi o 38º país recetor no mapa de investimentos chineses: e foi o 37º país que mais investiu diretamente na China.”

(Paes, 2013, pp. 42-47)

Segundo o Instituto Nacional de Estatística, em 2014 as exportações de bens aumentaram 1,8% face ao ano anterior, atingindo 48 177,1 milhões de euros, e as importações de bens cresceram 3,2% totalizando 58 853,8 milhões de euros. As exportações para a China aumentaram 27,6%, o que resultou na ascensão da China a 10º maior cliente externo (12º em 2013).

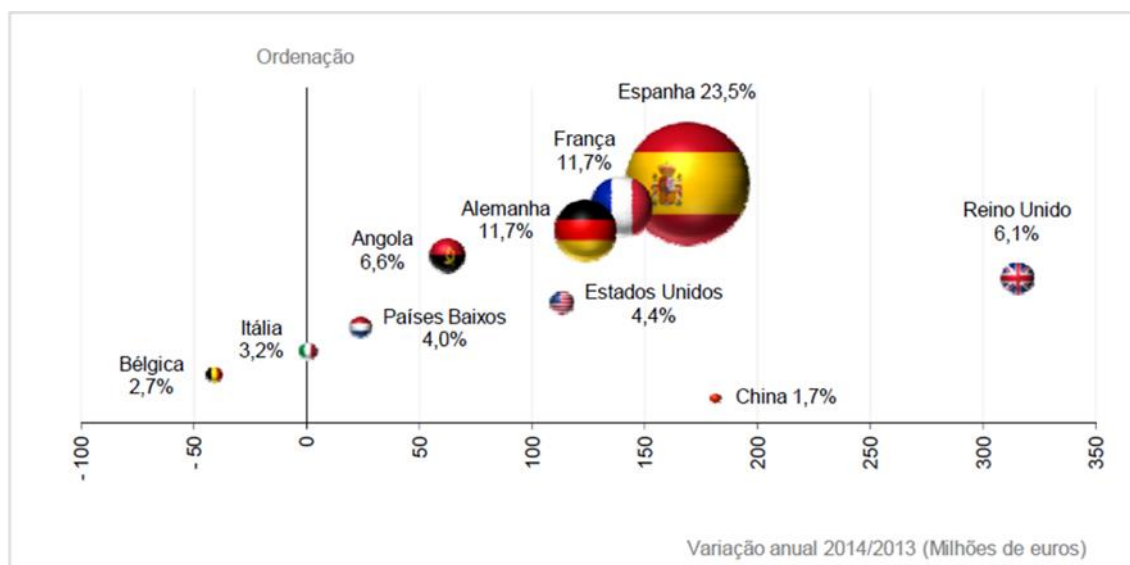


Figura 14 Comércio Internacional de bens - Exportações; Nota: A dimensão dos globos representa o peso relativo de cada país no total das exportações de bens em 2014. Fonte: INE

Em relação a exportação de bens de Categorias Económicas (CGCE)<sup>37</sup>, o INE<sup>38</sup> aponta para um aumento significativo de exportação na categoria de ‘Veículos e outro material de transporte’ em 52,4%, tornando-se na categoria de bens mais exportada para o mercado chinês, seguindo-se de minerais e minérios com 15,9 valor percentuais.

<sup>37</sup> Na análise foram usadas designações CGCE simplificadas, nomeadamente:

- Prod. alimentares e bebidas: “Produtos alimentares e bebidas”;
- Fornecimentos industriais: “Fornecimentos industriais não especificados noutra categoria”;
- Máquinas e outros bens de capital: “Máquinas, outros bens de capital (exceto o material de transporte) e seus acessórios”;
- Material de transporte: “Material de transporte e acessórios”;
- Bens de consumo: “Bens de consumo não especificados noutra categoria”;
- Outros bens: “Bens não especificados noutra categoria”.

<sup>38</sup> Instituto Nacional de Estatística. NdA

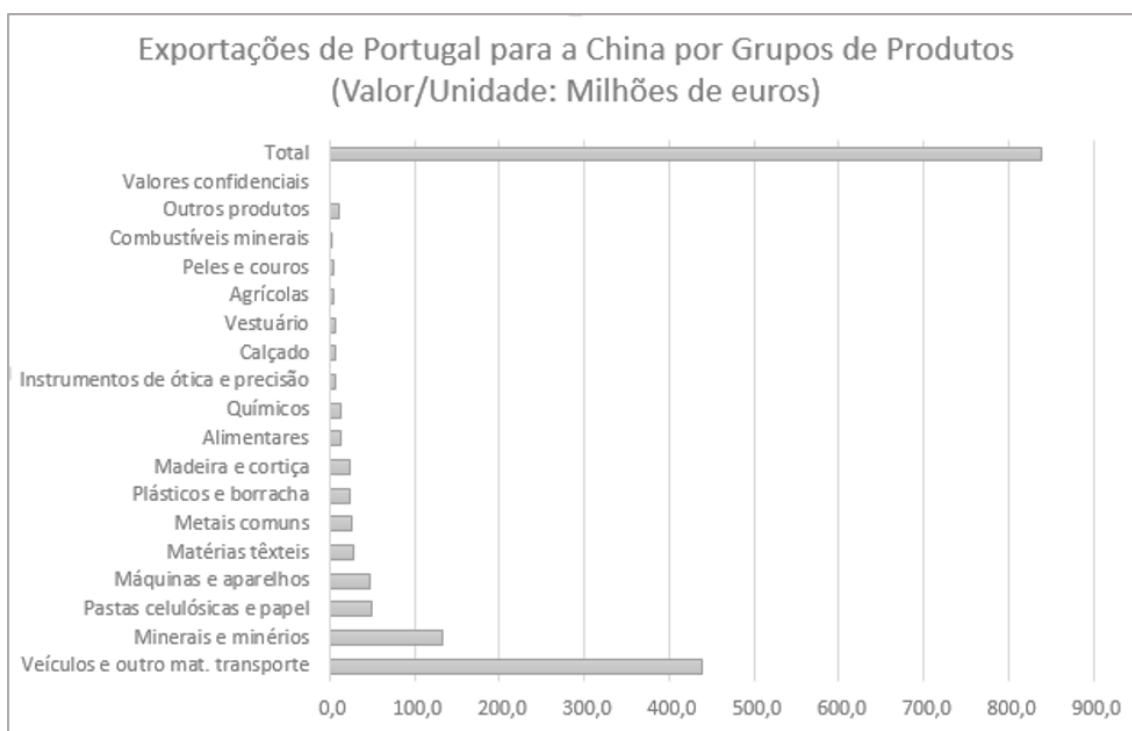


Figura 15 Exportações de Portugal para a China em 2014; Fonte: INE

Para além do aumento de exportações no sector de Veículos e Material de Transporte, o que tem surpreendido muitos foi o recente aumento de exportação de produtos do sector alimentar, em particular o azeite e o vinho.

Atualmente China é o maior consumidor mundial de vinho tinto, fator esse que explica o crescente interesse no seu mercado. Entre 2005 e 2011 as exportações de vinho português para a China cresceram imenso, mas a entrada no mercado chinês não é fácil e requer paciência pois são muitos os fatores a provocar dificuldades e entraves.

Embora a importação seja a fonte mais importante deste culto do vinho tinto na China, há também uma tendência clara para apostar na viticultura. Neste momento, a sua área de vinha já representa mais do dobro da que existe em Portugal e a quantidade de vinho produzida chega para colocar a China no quinto posto do “ranking” mundial.

Os três principais fabricantes de vinho na China, Changyu, Dynasty e Greatwall comunicam principalmente os vinhos tintos. Assim, os chineses têm uma melhor

# AVELEDA

PT | EN | FR | DE | CN

公司 | 产品介绍 | 阿沃莱达庄园 | 媒体新闻 | 媒体素材 | 联系我们

葡萄酒 | 白兰地 | 奶酪 | 完美晚餐建议

## 选择你的酒

夏朗德  
嘉尔西普

» 嘉尔西普桃红

嘉尔西普白  
嘉尔西普红  
嘉尔西普起泡酒

阿沃莱达 富丽亭台

阿沃莱达 富丽亭台 本土图酒庄 | 赤霞珠  
阿沃莱达 富丽亭台 本土图酒庄

富丽亭台 特穆玛玛

富丽亭台 特穆玛玛红葡萄酒

阿沃莱达

阿沃莱达 候酒

阿沃莱达 杜罗

阿沃莱达 庄园

阿沃莱达 阿瓦诺诺

## 完美晚餐建议

» 沙拉类

三文鱼和芝麻菜沙拉  
西瓜和羊奶酪沙拉  
番茄和意大利白干酪沙拉

» 鲑鱼类

香鲑鱼  
香鲑鱼汤

» 面包类

肉夹意大利面  
熏肉意大利面  
番茄酱意大利面

» 鱼类

鳕鱼

» 白肉类

烧鸡肉  
烤火鸡  
香梨鸡

» 海鲜类

酱汁海鲜  
海鲜饭

» 奶酪类

山羊奶酪  
意大利白干酪

» 香肠类

冷盘肉菜

Um dos fatores que dificultam a entrada no mercado é o facto de a nossa gastronomia ser completamente diferente da gastronomia chinesa, o que por sua vez torna difícil ‘casar’ um vinho português com um prato chinês, para não falar do desenvolvimento

Em 2011, a China importou cerca de 9,8 milhões de euros, um aumento de 75% em relação a 2010. Em 2011, Portugal ficou em 11.º lugar como fornecedor de vinho para a China, cujo valor foi superior em 14 vezes aos 709 mil euros registados em 2005.

Este ano decorreu o jantar vínico Luxury Wine & Dine, organizado pela ViniPortugal com o apoio da China Association for Importer & Exporters of Wine & Spirits, para a promoção dos Vinhos de Portugal estando focada no mercado chinês com um conjunto de ações promocionais que contemplam, uma

grande prova, em que oito marcas de vinho portuguesas (tinto, branco, espumante e moscatel) acompanharam pratos chineses, seguida de seminários em Qingdao, Dalian e Xi'an, além de ações de formação que deverão abranger mais de 450 pessoas entre sommeliers, consumidores finais e outros.

Pelas contas da ViniPortugal, no espaço de seis anos (2008-2013) as exportações de vinhos portugueses para a China subiram de 1,8 milhões de euros para 14 milhões de euros (Lusa, 2015)<sup>39</sup>.

O segundo produto anteriormente mencionado cujas exportações têm vindo a aumentar é o azeite. A China consome anualmente 38.000 milhões de toneladas de gorduras alimentares, sobretudo óleos, daí o interesse neste mercado.

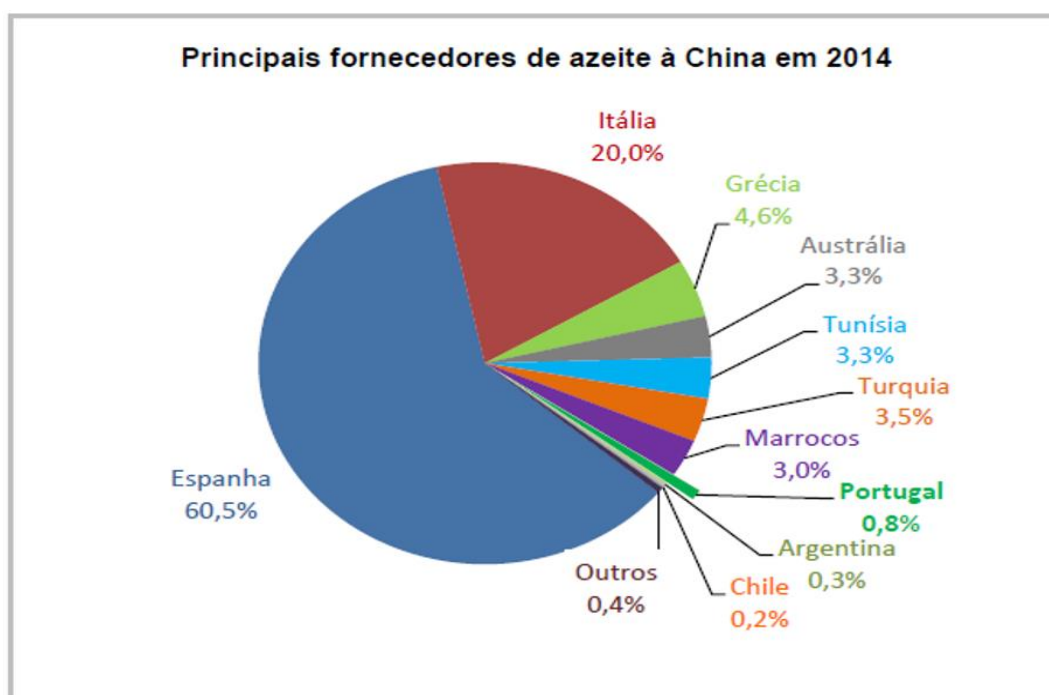


Figura 18 Principais fornecedores de azeite à China em 2014, Fonte: AICEP

Espanha lidera o ranking de fornecedores, com quotas de mercado crescentes entre 2010 e 2013 (respetivamente, 45,2% e 61,2%). Contudo, em 2014, as entradas de azeite espanhol na China recuaram para 64M€ (-22,9% face a 2013) e a quota baixou para 60,5%.

De acordo com o International Trade Centre, em 2014, a China ocupou o 2º lugar do ranking mundial de importadores de bens com uma quota de 10,4%. No azeite foi o 11º

<sup>39</sup>[http://www.sapo.pt/noticias/portugal-ja-e-o-quinto-fornecedor-europeu-de-\\_552920a55be7b9130a305cb5](http://www.sapo.pt/noticias/portugal-ja-e-o-quinto-fornecedor-europeu-de-_552920a55be7b9130a305cb5) consultado em setembro de 2015

maior importador mundial, com uma quota de 2,0% (13º em 2010 com 1,5%,); nos azeites virgens estava classificada no 11º lugar, com uma quota de 2,3% (11º em 2010, com 1,7%).

Entre 2010 e 2014 as importações chinesas cresceram a um ritmo mais rápido do que a média mundial, tanto nos bens (9,1% versus 5,3%), como no azeite (17,4% versus 6,7%) e, sobretudo, no azeite virgem (18,9% versus 6,7%)<sup>40</sup>.

O consumo de azeite na China disparou nos anos mais recentes à medida que a população aumentou os seus rendimentos e começou a prestar mais atenção às questões de saúde, possibilitando a abertura do mercado para a entrada dos azeites portugueses na China.

Em 2013, Portugal ocupava o 8º lugar no ranking dos fornecedores. Com vendas de 575 mil euros em 2010 e de 734 mil em 2013, a quota portuguesa passou de 0,9% para 0,5%. Em 2014 as importações chinesas a Portugal voltaram a aumentar e a quota subiu para 0,8%<sup>41</sup>.

Tal como o vinho, grande parte do azeite é consumido em restaurantes, sendo estes restaurantes ocidentais ou pró-ocidentais, mas hoje em dia a classe média-alta chinesa em determinados mercados já começa a procurar introduzir azeite nas suas dietas, ainda que de uma forma muito reduzida. Para além disso, para os chineses, o azeite é um produto do segmento *gift*, associado ao conceito de luxo.

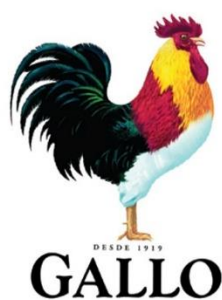


Figura 19 Logótipo da marca de azeite portuguesa 'Gallo'

Apesar disso, já são vários os exportadores portugueses presentes no mercado chinês. Entre eles encontra-se a aclamada marca portuguesa 'Gallo'. A Gallo iniciou o seu processo de internacionalização em 2006 e não tinha previsto a sua entrada no mercado chinês, mas surgida a oportunidade em 2009 com um representante permanente em Xangai, decidiu investir e atualmente possui escritórios oficiais. A marca está presente sobretudo em Xangai, Pequim e outras grandes cidades.

<sup>40</sup> Fonte: AICEP - [http://www.gpp.pt/flash/doc/ChinaSSM\\_Azeite.pdf](http://www.gpp.pt/flash/doc/ChinaSSM_Azeite.pdf)

<sup>41</sup> Fonte: AICEP - [http://www.gpp.pt/flash/doc/ChinaSSM\\_Azeite.pdf](http://www.gpp.pt/flash/doc/ChinaSSM_Azeite.pdf)

O mercado demorou um pouco a responder à crescente oferta de azeite, mas o negócio começa agora a crescer.

No ano passado, na 9.<sup>a</sup> edição da China International Olive Oil Competition, mais conhecida por Oil China, o azeite português arrecadou 24 medalhas, um total de sete azeites foram premiados nas categorias de ouro, nove azeites conquistaram medalhas de prata e foram ainda entregues aos azeites portugueses seis medalhas de bronze e duas menções honrosas<sup>42</sup>.

Os principais objetivos da competição são divulgar os melhores azeites aos consumidores, vendedores e importadores, apresentar os azeites de maior qualidade na região da China e da Ásia e promover a transparência no mercado chinês do azeite.

Podemos verificar a evolução dos azeites portugueses no mercado chinês que apostam sobretudo na qualidade e não na quantidade.

“Devemos ter consciência que para ser forte neste produto, temos de saber vender a Marca Portugal e, para tal, é preciso promover o nosso País como produtor de qualidade, de forma a poder ser identificado como tal”

Alberto Carvalho Neto (empresário) em entrevista a Ponto Final Macau, 2012

Apesar do Mandarim ser a língua mais falada no mundo, com o maior número de falantes nativos, o inglês continua a ser a língua de eleição no mundo dos negócios. Mas, com o recente desenvolvimento económico chinês e poder político, o mandarim começa a ganhar terreno e projeção.

Em Portugal, o aumento das relações económicas entre Portugal e China leva à necessidade de compreender melhor o parceiro chinês que além de gigantesco é longínquo, não apenas em termos físicos, mas sobretudo a nível cultural e linguístico.

Atualmente Portugal tem três universidades a oferecerem cursos superiores na área do mandarim, mas a procura tem aumentado e a oferta de cursos/aulas também tem

---

<sup>42</sup> <http://boasnoticias.pt/mobile/noticias.php?id=19943> consultado em setembro de 2015



acompanhado esta demanda. Podemos encontrar uma grande variedade de cursos disponíveis para todos, desde cursos básicos para adultos e crianças a cursos orientados para trabalhadores e empresários com negócios na China.

Tal como o inglês é considerado a língua estrangeira de eleição e lecionada em todos os níveis escolares, desde a pré-primária até ao ensino secundário, também o mandarim começa a ser uma escolha em algumas escolas, seja esta lecionada como atividade extracurricular ou até oficial.

Este ano, o Ministro da Educação e Ciência assinou um protocolo de cooperação com o Hanban, Instituto Confúcio da República Popular da China, no âmbito de um projeto-piloto de ensino do Mandarim em escolas secundárias públicas.

O projeto-piloto vai abranger alunos do 10.º ano de escolaridade dos Cursos Científico-Humanísticos em 21 escolas onde será disciplina obrigatória para os alunos de humanidades e opcional para os restantes, a partir do 10º ano.

Para já, maior parte das aulas de mandarim são asseguradas tanto pelo Instituto Confúcio, localizados nas Universidades do Minho, de Aveiro e Lisboa, assim como por entidades privadas.

Esta procura pelo ensino de Mandarim não se deve apenas às recentes evoluções das relações económicas entre os dois países, mas sim também à recente crise económica que a Europa enfrenta. ‘Empregabilidade’ e ‘emigração’ são palavras-chave para compreender o aumento da procura dos cursos em Portugal e porque o Mandarim é considerado a “língua do futuro”. Muitos pais e jovens portugueses vêm a China como uma hipótese natural de emigração face às recentes dificuldades em encontrar emprego.

De facto, o ensino do Mandarim em Portugal encontra-se numa fase de expansão, mas ainda falta muito para aqueles que desejam ver o ensino desta língua generalizado por Portugal.

**PARTE II**

**CAPÍTULO 3 – ‘Distance still matters’ –  
Distância cultural**

### 3. ‘Distance Still Matters’ – A importância da distância

“Just how much difference does distance make?”<sup>43</sup>

Pankaj Ghemawat<sup>44</sup>

Em 2001 Pankaj Ghemawat publicou um artigo intitulado ‘Distance Still Matters – The Hard Reality of Global Expansion’<sup>45</sup>, onde analisou e descreveu as quatro dimensões principais da distância, através de exemplos de casos práticos.

No artigo, Ghemawat descreveu assim as quatro dimensões da distância: distância geográfica, que não se define apenas pelos quilómetros de distância entre dois países mas também pelos atributos físicos geográficos de cada país (ex: tamanho físico do país, a distância média até às fronteiras, ect); dimensão cultural, atributos culturais de cada país que determinam o modo como as pessoas se relacionam entre si, empresas e instituições; dimensão administrativa ou política, referente às políticas internas e externas de cada país, atendendo que as associações históricas e políticas partilhadas por países afeta imenso o comércio entre eles assim como esta distância também pode ser criada através de medidas unilaterais ou devido à fraca infraestrutura institucional; e por fim a distância económica, existente devido à riqueza ou rendimento dos consumidores que por sua vez afeta os níveis de mercado de comércio e os tipos de parceiros com quem um país comercializa.

Atendendo ao artigo e ao capítulo anterior, abordarei a distância entre Portugal-China focando-me apenas numa dimensão: a cultural, mencionando alguns aspetos da língua.

A dimensão cultural engloba todo um conjunto de atributos que caracteriza e define um povo, um país. Referente à cultura, engloba costumes, religião e língua, sendo os dois últimos os atributos mais perceptíveis. Por sua vez, os costumes, por exemplo as normas sociais, os princípios implícitos profundamente enraizados que guiam os indivíduos nas suas escolhas e interações, são quase que invisíveis, mesmo para quem lhes obedece.

---

<sup>43</sup> “Quanta diferença faz a distância?” TdA

<sup>44</sup> Pankaj Ghemawat – economista, estratega global, orador e autor. NdA

<sup>45</sup> A importância da distância – A dura realidade da expansão global. TdA -

<http://www.business.illinois.edu/Aguilera/Teaching/Distance%20still%20matters%20HBR%202001%20Ghemawat.pdf>

Estes atributos culturais criam distância pois influenciam as escolhas dos consumidores entre substituir determinados produtos devido às suas preferências por determinadas características. Um modelo referido por Ghemawat é a preferência ou gosto de determinadas cores em prol de outras por estarem associadas a características culturais específicas. Por exemplo, na cultura portuguesa, a cor vermelha simboliza a paixão e o sangue, por sua vez, na cultura chinesa a mesma cor simboliza a felicidade).

Ghemawat diz que um das dimensões de distância mais subestimada é a distância cultural. Atualmente, as evoluções tecnológicas parecem estar a tornar o mundo num lugar mais pequeno e homogéneo, mas na verdade não estão a eliminar as distâncias culturais, que apesar de parecerem, há primeira vista, inexistentes estão de facto muito presentes.

Um dos aspetos culturais mais flagrantes é de facto a língua e a religião. No entanto, numa sala de reuniões a questão linguística é contornada com tradutores e intérpretes, ou então recorre-se ao uso de uma língua comum (o inglês) e a questão da religião nem sequer é colocada.

A separar os portugueses dos chineses existe um mundo de diferenças e a cultura é um dos principais fatores e mais discretos. Segundo o Projeto GLOBE<sup>46</sup>, cultura engloba os motivos, os valores, as crenças, as identidades e as interpretações ou significados de eventos significativos que são partilhados pelos membros de uma coletividade, que resultam das suas experiências comuns e que se transmitem ao longo de gerações.

A sociedade chinesa é bastante estratificada, e por isso também o são as suas organizações. O respeito pela hierarquia e idade dos interlocutores é uma das regras protocolares mais importantes. Esta hierarquia deve-se ao confucionismo que também está presente nos negócios, onde imperam valores como o respeito, a disciplina e o trabalho.

O modo de se falar e com quem se dialoga é regido por normas implícitas que apenas são entendidas por membros da mesma empresa, ou seja, agimos e relacionamo-nos de acordo com a nossa cultura, o que por sua vez influencia os diálogos de alto e baixo contexto.

---

<sup>46</sup> O Projecto GLOBE (Global Leadership and Organizational Behavior Effectiveness Research) é um projeto internacional constituído por cientistas sociais e académicos de gestão que estudam e exploram as diferenças culturais tentando compreender e prever o impacto das variáveis culturais específicas na liderança e nos processos organizacionais. NdA

Nesse especto, nas empresas chinesas rege-se a comunicação de alto contexto que se foca na comunicação indireta e no auxílio de sinais silenciosos que ajudam a compreender o que não é dito. É dada grande importância aos títulos e *status* de uma pessoa, sendo denotada grande deferência para com os chefes e pouca predisposição para desafiar a autoridade e o *status quo*.

Em termos de relacionamentos interpessoais entre empresas, os jantares de negócios revelam um papel bastante importante - servem para construir aquilo a que, na China, se chama, *guanxi* (关系, Guānxì): redes de relações de confiança sem as quais nenhum contrato é fechado. Estes jantares por si só são bastante estratificados e rígidos havendo certos protocolos que não devem ser quebrados, como por exemplo: nunca se deve brindar com o copo acima do líder da empresa chinesa com quem se está a negociar e deve-se sempre retribuir os brindes. Quanto à receção de comitivas, cabe ao convidado comparecer com igual número de pessoas que a comitiva chinesa.

A construção de laços com as empresas chinesas implica muitas deslocções dos investidores estrangeiros à China, muitas reuniões em restaurantes, assim como algumas idas a *karaokes*, ou seja, é necessário socializar.

Como tal, socializar é falar e o discurso empregue por um chinês será diferente de um discurso empregue por um português, pois ambos são influenciados pela própria cultura.

Tanto o português como o chinês são línguas distintas. O português é uma língua proveniente do latim, inserida na família das línguas Indo-europeias, o chinês por sua vez, pertence às línguas Sino-tibetanas.

Uma das diferenças é o registo de escrita. O português é uma língua de escrita alfabética, o chinês, por seu lado, é uma língua de escrita semântico-visual. Um carácter chinês é constituído por componentes semânticos e/ou fonéticos, escrito por meio de traços formando assim um pictograma. A informação contida num carácter chinês pode ser superior à informação contida numa palavra portuguesa, uma vez que o chinês é uma língua de escrita semântico-visual (Peixoto, 2014, p. 19).

A escrita chinesa transmite pensamento e cultura, de um modo não apenas fonográfico, mas porventura sobretudo de um modo semiográfico e visual, através dos seus caracteres. Por seu lado, a escrita portuguesa é simplesmente linear, o que as palavras transmitem é apenas a ideia/conceito que representam e a sua escrita não tem nenhuma característica visual.

Hudson define sociolinguística simplesmente como sendo “o estudo da língua no que diz respeito à sociedade”, Jan Blommaert vai mais longe, afirmando que “...qualquer discurso concreto possui uma dimensão sociolinguística: o registo de linguagem em que o mesmo é produzido”. Fatores como a idade, o género, o nível de instrução, a etnia, a zona geográfica, entre outros, são importantes para o registo sociolinguístico de um indivíduo (Peixoto, 2014, p. 54).

Uma marca evidente do aspeto sociolinguístico na língua chinesa pode ser encontrada nas inúmeras formas de tratamento existentes, as quais deixam transparecer diferenças de estatuto social e profissional, hierarquia, género, familiaridade, etc (Peixoto, 2014, p. 55).

O mesmo não se pode dizer da língua portuguesa que não faz qualquer distinção de estatuto social e profissional ou hierárquico, fazendo apenas distinção entre formal e informal.

Resumindo, o facto da cultura chinesa e da portuguesa serem duas culturas tão distantes não pode deixar de ter implicações relevantes em ambas as línguas. As regras e as metodologias usadas para um indivíduo se exprimir são verdadeiramente diferentes, desde estruturas frásicas a metodologias, etc. De facto, a distância cultural é bastante importante para a compreensão de um outro povo, através da compreensão cultural e da sua influência nos indivíduos.

**PARTE III**  
**CAPÍTULO 4 – Estágio**

## **4.1. Plano de Estágio**

O curso de mestrado em Estudos Interculturais Português/Chinês: Formação, Tradução e Comunicação Empresarial pretende fornecer aos seus mestrandos todo o tipo de capacidades e conhecimentos em preparação do exigente mercado de trabalho que, de um modo ou de outro, tenha relações ou interesses com as áreas e culturas chinesas e portuguesas. Pretende equipar o mestrando com competência linguística, capacidade comunicacional e sensibilidade cultural que lhe permita o contacto eficaz, direcionado para os agentes económicos e culturais, ou outros, daqueles mercados, num estabelecer de pontes entre as duas sociedades.

Sendo que ao longo do curso foram adquiridos importantes conhecimentos, torna-se premente aplicá-los num ambiente prático - Este foi o objetivo do estágio que se realizou. Estando o mestrado dividido em três vertentes: formação, tradução, e comunicação empresarial; é imprescindível selecionar uma destas vertentes para proceder a um período de estágio. Foi, portanto, realizado um estágio na área da comunicação intercultural.

Este estágio foi realizado numa empresa de serviços portuguesa, sediada em Braga e o meu trabalho consistirá em aplicar os conhecimentos adquiridos no decurso do mestrado, e principalmente na disciplina ‘Portugal-China: Cultura, Sociedade e Empreendedorismo’ no desenvolvimento e funcionamento da comunicação internacional e intercultural entre empresas portuguesas e chinesas (centrada, naturalmente na ligação entre o mundo empresarial/cultural chinês e europeu) e nas barreiras à comunicação entre as mesmas; assim como adquirir experiência e conhecimentos práticos, de elevado valor para a formação pessoal e profissional.



## 4.2. O Estágio

Conforme mencionado no Plano, o meu estágio foi feito numa empresa de serviços sediada em Braga. A empresa em questão é especializada na prestação de serviços educacionais, de tradução, editoriais, de interpretação e de apoio ao turismo.

Trabalha exclusivamente com as línguas chinesa, portuguesa e inglesa e opera com várias equipas de tradutores, revisores e especialistas.

O meu estágio dividiu-se em duas temáticas. Numa primeira parte tive oportunidade de desenvolver competências na área empresarial, ou seja, na área da tradução e comunicação empresarial; e numa segunda parte tive oportunidade de explorar a área de ensino.

As minhas funções na empresa prenderam-se sobretudo na análise e comunicação. Durante o estágio tive oportunidade de analisar e aprender as práticas empresariais e o que ocorre por detrás de um negócio.

Muitas das empresas que recorriam aos nossos serviços, requeriam maioritariamente, traduções, sendo estas sobretudo de *sites*, documentos legais e publicitários.

Não assumi nenhum papel de tradutora, mas sim o de ligação entre cliente e tradutor. Uma vez que os tradutores contratados eram nativos, e eu portuguesa falante de mandarim, sinto que houve um trabalho de equipa muito bom que ajudou na concretização dos serviços. Ser tradutora não é fácil e muitas vezes existem questões de natureza linguística e cultural que podem ser resolvidas e explicadas se ambas as partes falarem ambas as línguas. Neste caso, consegui transmitir e explicar questões e ideias que se prendiam com a cultura portuguesa á minha tradutora, que por sua vez era chinesa.

Em termos de análise, esta prendeu-se sobretudo na análise de *sites* das empresas que pediam tradução dos mesmos. Neste sentido, tinha sobretudo que analisar a composição, área de mercado, nível (domínio) da língua, ou seja, se era complexa/específica ou simples e verificar se toda a tradução seria exequível. Num dos casos, houve uma empresa que todos os contactos disponíveis, exceto *email*, era de redes sociais. É bastante comum

o uso das redes sociais para questões de contacto entre empresas, mas esta prática não é utilizada na China atendendo a questões políticas. A maior parte dos *sites* e redes sociais estrangeiras, e sobretudo as de origem americana, estão banidas na República Popular da China, pelo que recorrer à sua tradução é no mínimo despropositado e demonstra um grave conhecimento da cultura e das questões políticas do país.

Houve uma ocasião que tive de pôr em prática os meus conhecimentos de língua quando surgiu a oportunidade de traduzir um catálogo de vinhos. Nesta situação, a tradutora já tinha entregado todo o trabalho para a empresa e meramente fiz a revisão da edição do catálogo, nomeadamente, as ligações de palavras e o espaçamento entre elas. Parece ser bastante simples, mas esta tarefa pôs há prova os meus conhecimentos numa área que não domino.

Igualmente na área de análise, também tive oportunidade de observar que tipo de empresas recorriam aos nossos serviços.

Conforme mencionado no segundo capítulo, recentemente verificou-se um aumento de exportação de produtos do sector alimentar, em particular o azeite e o vinho.

Verifiquei então que a maior parte das empresas que contratavam os nossos serviços eram empresas ligadas à produção de vinho, mas não só. Também havia empresas do sector do calçado e da área comercial/venda.

A maior parte destas empresas, com exceção das empresas da área comercial/venda, requereu traduções e intérpretes.

Não obstante as traduções e interpretações, fiquei com a impressão de um aumento de pedidos de formadores de mandarim para a área comercial/venda e empresarial.

Mas tendo em conta o capítulo 3, apercebo-me que as empresas portuguesas apenas se focam na distância linguística quando tencionam fomentar relações com empresas chinesas. Como referido anteriormente, a distância continua de facto a importar. Não é apenas na preparação linguística, através de formações, traduções e interpretações, que as empresas podem melhor preparar os seus colaboradores, mas sim através da preparação dos mesmos para as diferenças culturais e no conhecimento da realidade local, resultado da distância administrativa (como o referido exemplo da utilização de redes sociais

diferentes das que se usam na Europa, por questões de legislação local que impede o facebook e outras redes de serem utilizadas). Essa preparação geral, focada nas quatro dimensões da distância seriam uma mais-valia para a obtenção de melhores resultados.

Para além da especialização na prestação de serviços de tradução, editoriais e de interpretação, também existe a componente dedicada à educação e de apoio ao turismo. Neste sentido, a empresa em parceria com o Departamento de Estudos Asiáticos da Universidade do Minho, proporcionou uma visita de estudo e um fim-de-semana cultural aos alunos chineses que se encontravam a estudar português. Foi organizada uma visita de estudo à cidade de Guimarães, com o intuito de visitar locais como o Castelo, a igreja de S. Miguel, o Paço dos Duques de Bragança, o percurso museológico no Convento de Santo António dos Capuchos, o Convento da Santa Clara e a Pousada do Mosteiro de Guimarães. O objetivo era dar a conhecer aos alunos alguns locais históricos da cidade e desenvolver a compreensão cultural e linguística. Os conteúdos adquiridos durante esta visita foram depois postos em prática nas aulas de Tradução.

O fim-de-semana cultural, como o nome indica, foi organizado com o intuito de dar a conhecer a cultura portuguesa, música e gastronomia aos alunos. O fim-de-semana foi passado em Terras de Bouro contando com diversas atividades. Os alunos puderam caminhar na jeira romana, localizada no Parque Nacional do Gerês, provar a gastronomia portuguesa com pratos típicos como arroz de pica-do-chão, o caldo verde e o frango no churrasco; observar de perto a secular Missa de Bênção para Animais, em S. António e por fim, conhecer a música portuguesa de perto através de um jantar acompanhado de fado.

Tive a oportunidade de acompanhar os alunos nesta viagem como representante da empresa e fiquei bastante satisfeita por saber que esta atividade foi bem-sucedida e que todos gostaram. Para além de representante da empresa, e como um dos poucos membros portugueses a acompanhar a visita, também me senti como uma embaixadora da nossa cultura. Tive bastantes alunas a fazerem imensas perguntas acerca dos nossos costumes e história e foi bastante bom conseguir comunicar tanto em português como em chinês.

Não posso deixar de referir que estas atividades ajudam a aprofundar conhecimentos de teor cultural, reduzindo assim algumas distâncias, pois quanto melhor for o diálogo, menor são as diferenças, e a compreensão será, por sua vez, facilitada.

Como anteriormente mencionado, numa segunda parte do meu estágio tive oportunidade de explorar a área de ensino.

O meu estágio nesta área foi feito num colégio privado sediado em Barcelos. O colégio em questão é uma Instituição Particular de Solidariedade Social que dispõe de várias ofertas educativas, desde creche a lar de infância e juventude.

Esta oportunidade surgiu por acaso quando a escola viu-se sem professor de Mandarim no 3º semestre escolar. Decidi aceitar então o desafio de lecionar Mandarim a crianças do 1º ciclo escolar, com idades compreendidas entre os 6 e os 9 anos de idade.

Até à altura, nunca tive qualquer tipo de experiencia na área do ensino, mas pensei que seria uma boa oportunidade para alargar os meus horizontes em relação a futuras expectativas profissionais.

No primeiro semestre do segundo ano de mestrado, tive uma disciplina curricular que me ajudou imenso para este trabalho. A disciplina em questão, Fundamentos de Ensino de Português e Chinês Línguas Estrangeiras, era lecionada por dois professores em duas vertentes: a Professora Micaela Ramon, encarregue da vertente portuguesa, e o Professor Zhang Lijun, encarregue da vertente chinesa.

Os conhecimentos teóricos adquiridos em ambas as disciplinas ajudaram-me a desenvolver um plano de aulas de Mandarim para os alunos e a colocar em prática todos os conhecimentos de teor pedagógico.

Antes de começar a lecionar entrei em contacto com o responsável da empresa por esta área que me facultou o manual de aulas. Como não tinha qualquer tipo de conhecimento acerca do material lecionado previamente, decidi elaborar uma aula base com o intuito de rever as matérias-chaves, ou seja, as matérias que normalmente se leciona a um aluno principiante, e tentar identificar a composição do corpo de alunos.

Verifiquei que a minha turma era constituída por dez alunos com idades compreendidas entre os 6 e os 9 anos de idade e com níveis de mandarim diferentes. Como tinha alunos que já estavam a frequentar o segundo ano de mandarim e outros que era a primeira vez, apercebi-me que tinha que mudar o plano.

O que decidi fazer foi o seguinte: na mesma aula juntei matéria nova com revisões para poder lecionar os mais novos e manter os mais velhos interessados. Para tal, incorporei novos suportes de materiais para o ensino. Para além de usar o quadro de giz, passei a usar o computador para projetar imagens, a matéria e fazer exercícios de audição.

Durante o meu ano de licenciatura, quando estudava mandarim recorria sempre a vários suportes para melhor compreender e fixar a matéria. Escrevia os caracteres muitas vezes, ouvia textos em chinês, lia e voltava a repetir. E foi nesse sentido que adotei o mesmo método nas minhas aulas. A estruturação passou a ser a mesma independentemente da matéria: leitura acompanhada das palavras novas (caracteres e *pinyin*<sup>47</sup>), exercícios de compreensão oral, exercícios de audição e exercícios de compreensão escrita, trabalho de casa. As aulas eram de 45 minutos cada, por isso, dependendo da matéria ou do próprio ritmo da turma, a estrutura não sofria grande alteração. Devido à diferença de idades, por vezes tornava-se complicado avançar na matéria, mas é nesses momentos que as nossas capacidades como instrutores são postas à prova. De facto, manter a calma e demonstrar persistência foi uma mais-valia.

Esses dois meses de aulas foram bastante elucidativos acerca do ensino, demonstraram-me os prós e os contras de ser um professor de mandarim e, mais importante, descobri um gosto pelo ensino que não pensava vir a ter.

---

<sup>47</sup> Romanização dos caracteres chineses. NdA

### **4.3. Considerações**

Chegado ao fim dos cinco anos de estudo posso concluir que, de facto, me ajudou imenso a desenvolver a minha formação pessoal e profissional.

O estágio na empresa ajudou-me a compreender melhor a realidade empresarial, a analisar dimensão do mercado chinês e as relações entre empresas portuguesas e chinesas. Para além de adquirir conhecimentos práticos, consegui por em prática o que aprendi durante estes cinco anos de ensino.

O contacto que tinha tanto com clientes como colegas de trabalho ajudou a melhorar as minhas capacidades sociais e tornar-me mais confiante no meu trabalho.

Por outro lado, o estágio no colégio foi uma excelente oportunidade para explorar a área do ensino. Durante o mesmo, aprendi a ser paciente e a desenvolver flexibilidade mental de modo a conseguir adaptar a matéria à turma tendo em conta as suas características; para além de também ter conseguido colocar em prática muitos conhecimentos de teor pedagógico adquiridos nas disciplinas curriculares.

Concluo que um estágio profissional, independentemente da área escolhida, é uma mais-valia para o nosso futuro pois é uma ótima oportunidade para alargar os horizontes em relação a futuras expectativas profissionais e adquirir conhecimentos práticos.

## CONCLUSÃO

A realização deste trabalho permitiu-me analisar das relações entre Portugal e a China ao longo destes 500 anos, com foco nas relações políticas e económicas. De acordo com o enquadramento histórico dessas mesmas relações deparamo-nos que até à passagem de Macau para a China em 1999, ambos os países mantinham estritamente relações de teor político.

O caso de Macau é peculiar pois era um domínio português num território que definitivamente não o era. Tornou-se numa fusão entre dois mundos e ganhou identidade própria. Para os chineses, era quase como a mãe-pátria, para os portugueses, familiar, o que facilitou, em alguns aspetos, o diálogo.

Observei que a partir de 1999 as relações bilaterais entre Portugal-China evoluem para um cariz de teor económico, em parte devido às boas relações políticas previamente estabelecidas e devido ao grande desenvolvimento económico chinês.

Por sua vez, esse mesmo desenvolvimento económico permitiu à China afirmar-se como um potência mundial, e as boas relações com Portugal, assim como o próprio mercado, tornaram o país num alvo importante para o investimento chinês. Por outro lado, o mercado chinês começa a demonstrar interesse para os empresários portugueses - os sectores 'nichos', como o azeite e o vinho.

Quanto ao ensino do mandarim em Portugal, deparamo-nos que se encontra numa fase de expansão apesar do ensino desta língua estar ainda longe de se generalizar por todo o país. Mas não é só a língua que cria distâncias. Pankaj Ghemawat diz que uma das dimensões de distância mais subestimada é a distância cultural. De facto, apesar de atualmente, as evoluções tecnológicas parecerem estar a tornar o mundo num lugar mais pequeno e homogéneo, na verdade não estão a eliminar as distâncias culturais, que - apesar de parecerem, há primeira vista, inexistentes - estão de facto muito presentes.

A dimensão cultural engloba todo um conjunto de atributos que caracteriza e define um povo, englobando costumes, religião e língua, entre outros. Por sua vez, os costumes são quase que invisíveis, mesmo para quem os obedece.

Em suma, tanto a cultura chinesa como a portuguesa são duas culturas distantes entre si, o que faz com que essas diferenças sejam relevantes em ambas as línguas. As regras e as metodologias usadas para um indivíduo se exprimir são verdadeiramente diferentes, desde estruturas fráscas a metodologias, por exemplo, a existência de formas de

tratamento conforme estatuto social estão presente no chinês, mas não no português. É, portanto, necessária a compreensão das várias dimensões de distância, seja esta cultural ou outra, para a compreensão de um outro povo e incitação de diálogo.



## **FONTES**

### **Bibliografia**

- Cabral, João de Pina, (1999), História da Expansão Portuguesa, Volume 5, Círculo de Leitores, Espanha
- Castelo-Branco, M. (2014). Portugal-China: 500 anos. Lisboa: Babel.
- Cunha, L. (2012). A hora do dragão - Política Externa da China. Lisboa: Zebra Publicações.
- Koster. (2012). Course in the History of China (II): From the Founding of the Ming (1368) until Recent Developments in the People's Republic. Braga.
- Loureiro, R. M. (2000). Fidalgos, Missionários e Mandarins - Portugal e a China no Século XVI. Lisboa: Fundação Oriente.
- Ma, K. L. (2004). China Business. Pequim: China Intercontinental Press.
- Peixoto, B. (2014). Chinês e Português – Distância Linguística e Sociocultural – Algumas Reflexões sobre a Prática da Tradução. Famalicão: Edições Húmus.
- Roberts, J. (2011). História da China. Lisboa: texto&grafia.
- Wang, M. (2002). China: Accession to the WTO and economic reform, Foreign Languages Press, Beijing, China

### **Imprensa**

- Amorim, R. e Andrade, V. (2013). *Negociar em Mandarim* em Exame
- Campos, A. (2015). Negócio fechado: chineses compram BES Investimento ao Novo Banco por €379 milhões. Expresso.
- China GDP Surpasses Japan, Capping Three-Decade Rise. (2010). Bloomberg News.
- Lusa. (2015). Portugal já é o quinto fornecedor europeu de vinhos importados pela China. Lusa.
- Madeira, J. (2015). Invasões Chinesas. Sol, 38-39.
- Paes, P. (2013). O (verdadeiro) salto em frente do Império. Exame, 42-47.

Rodrigues, J. N. (2013). A bomba relógio do dragão. Exame, 48-51

Schellekens, P. (2015). Why Transformation in China Presents an Opportunity for Brazil. The World Bank News.

Zhixiao, H. A. (2003). China's economic growth and poverty reduction (1978-2002).

## **Webibliografia**

AICEP. (2015). China Síntese setorial de azeite. Retrieved from [www.gpp.pt/flash/doc/ChinaSSM\\_Azeite.pdf](http://www.gpp.pt/flash/doc/ChinaSSM_Azeite.pdf)

AICEP. (2015). Portugal, Ficha do País. Retrieved from <http://www.portugalglobal.pt/pt/biblioteca/livrariadigital/portugalfichapais.pdf>

Fernandes, M. (2003). A Normalização das Relações Luso-Chinesas e a Questão da Retrocessão de Macau à China - 1974-1979. Retrieved from [http://www.ccilc.pt/sites/default/files/a\\_normalizacao\\_das\\_relacoes\\_luso-chinesas\\_e\\_a\\_questao\\_da\\_retrocessao\\_de\\_macau\\_a\\_china\\_1974-1979.pdf](http://www.ccilc.pt/sites/default/files/a_normalizacao_das_relacoes_luso-chinesas_e_a_questao_da_retrocessao_de_macau_a_china_1974-1979.pdf)

Hu A., Hu L. e Chang Z. (2015). China's economic growth and poverty reduction (1978-2002). Retrieved from <https://www.imf.org/external/np/apd/seminars/2003/newdelhi/angang.pdf>

INE. (2013). Portugal relacionamento económico com a China. Retrieved from [https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_publicacoes&PUBLICACOEspub\\_boui=139722&PUBLICACOEsmodo=2](https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOEspub_boui=139722&PUBLICACOEsmodo=2)

Li, Y. (2013). China's Growth Miracle: Past, Present, and Future. Retrieved from [http://www.unrisd.org/80256B3C005BD6AB/\(httpAuxPages\)/2893F14F41998392C1257BC600385B21/\\$file/China's%20growth%20miracle%200808.pdf](http://www.unrisd.org/80256B3C005BD6AB/(httpAuxPages)/2893F14F41998392C1257BC600385B21/$file/China's%20growth%20miracle%200808.pdf)

Lourido, R. (2006). Do Ocidente à China pelas Rotas da Seda. Retrieved from [www.safp.gov.mo/safppt/download/WCM\\_004494](http://www.safp.gov.mo/safppt/download/WCM_004494)

Meri, T. (2009). China passes the EU in High-tech exports. Retrieved from <http://bookshop.europa.eu/en/china-passes-the-eu-in-high-tech-exports-pbKSSF09025/>

- Morrison, W.W. (2015). China's Economic Rise: History, Trends, Challenges, and Implications for the United States. Retrieved from <https://www.fas.org/sgp/crs/row/RL33534.pdf>
- Yang, R. (1992). *A rota marítima da seda e o grande volume do comércio internacional de Macau, dos finais da dinastia Ming aos finais da dinastia Qing*. Retrieved from [www.safp.gov.mo/safppt/download/WCM\\_003889](http://www.safp.gov.mo/safppt/download/WCM_003889)
- Xing, Y. (2010). China's High-Tech Exports: Myth And Reality. Retrieved from <http://www.eai.nus.edu.sg/BB506.pdf>

### **Teses de Mestrado ou Doutoramento**

- Marques, M. (2015). Portugal, China, Macau e a Companhia de Jesus: Análise de episódios históricos à luz das teorias da comunicação intercultural. Dissertação de Mestrado em Estudos Interculturais Português/Chinês: Tradução, Formação e Comunicação Empresarial. Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho
- Rocha, D. (2009). Relações Comerciais Europa China - Novas oportunidades de base tecnológica para a Europa. Dissertação de Mestrado em Economia e Gestão Internacional. Faculdade de Economia da Universidade do Porto, Porto, 78pp